

PATOMACHO



Montevideu/Foto Agência Facontexto

Local: casa do Luis Fernando.

Hora: uma sexta feira à noite.

Uisques: Old Eight? (argh!). E Monk's.

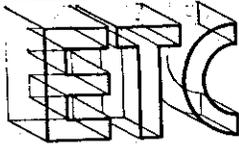
Presentes: IBSEN PINHEIRO, advogado, jornalista, ex-dirigente do internacional; RUI CARLOS OSTERMANN, professor, jornalista; JOSÉ ONOFRE, jornalista, publicitário; DIVINO FONSECA, jornalista, correspondente de "Placar" em P.A.; COI LOPES DE ALMEIDA, como descrevê-lo?; FELINTO SANTOS, comerciante, o diretor de juvenis do Grêmio; o anfitrião.

ASSUNTO: FUTEBOL

Observações: Ibsen Pinheiro omitiu-se, discretamente, quando a conversa chegou na crise do Internacional.

O Rui foi quem mais falou, é claro.

O Cói quase apanhou.



FOTOGRAFIA

A meninada está convocada: curso de foto com Assis Hoffmann (isto não é todo dia). La Hire Guerra e Pedro Fiôres. Lá no Cecília Meireles, a partir do dia 27 de abril. Aulas teóricas / duas horas, e prática (vai pro laboratório preguiçoso) aos sábados à tarde. As aulas terão início às 20 horas. CLAUDIO FERLAUTO

A GENTE JÁ É COQUETEL



Mal o «Pato» saiu e já foi imortalizado. Já vimos coquetel, bichos. O «Coquetel Patomacho», bolação do Nério, um expert em alquimia alcoólica, dono do «Bologna», lá no Ipanema. Já experimental e gostei do «Pato» em copo. Para breve Nério promete o «Coquetel Tatata». Ao contrário do que se pensa, será um coquetel simples, sem muitas frescuras, como podem deduzir alguns mais apressadinhos. — NOBRE



EXPLICAÇÃO

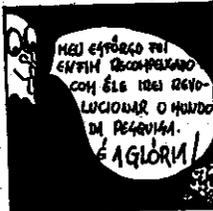
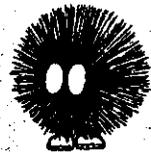
Nós não precisamos fazer onda em mar manso, que mar: Guadua. A bicha do Pato Macho existe e é de carne e osso. Chama-se, Tatata Pimentel.

GERSON

SOM DE ALUGUEL

Recebemos do sr(a)... a importância de Cr\$... referente ao depósito em garantia... discos acima enumerados. No caso de devolução, dos mesmos, em condições perfeitas, segundo nosso critério, devolveremos o mencionado depósito com o desconto de Cr\$ 3,00 por disco, a título de aluguel diário. Esta

é a bossa bolada pelos guris da UGI — equipamentos Ipiranga, 1775 (pósto Esso). Mas ainda tem mais: gravação de fitas com som importado: 15 contos a hora gravada. Chegaram agora, nem Continental tem: Edwin Starr, Jackson's, Temperations, Marvin Gaye, James Taylor and the flyngs machine... E mais... funciona sábado e domingo.



Consultório Sentimental

Odette de Crecy

Querida amiga Odette: Sou uma pobre moça de quarenta e dois anos, trabalho nas Lojas Americanas como caixa. Passo o dia inteiro num tal de vende brinco e vende broche de stras que não acaba mais. Moro na lhotta com meu marido de 19 anos que desde que casou não trabalha. Ao chegar da missa, sexta-feira santa, eis que o encontro praticando rituais bárbaros em meu leito, já havia morto meu galo preto e o bode da vizinha, a língua de boi que comeríamos no sábado de aleluia jazia trespassada por 42 alfinetes, meu endradon vermelho era só cachaça, a saia de jantar com cristaleira e tudo era só defumação. Fiquei tresloucada, pois afinal estávamos em sexta-feira de trevas. Só agora soube que ele anda frequentando um terreiro da Mãe Elaine, onde tem encontrado vários redatores desse jornal, eis aqui a razão de minha consulta, será que é pro meu mal que ele anda fazendo trabalhos? Caixa do Batuque Linha Nação.



(Conselho) Querida balconista, fora de dúvida seu jovem e belo marido está praticando a mais negra das magias, e naturalmente é para conseguir sua morte. Cuidado, desconfie de todos os atos que ele pratica. Não permita mais que ele vá à privada sozinho, nem que se lave com sua esponja. Se notar a falta de uma peça íntima já é fatal. Mas não desespere, espere. Aqui vai um antídoto dos mais eficazes, preste atenção: Ingredientes: Tome uma figa de Guiné tamanho

médio pintada de vermelho cutex 42. Azeite de dendê esquentado até atingir 42º Farenheit, mergulhe dois galhos de aruda macho com três dúzias de alho porró fêmea. Embrulhe em um pano verde de regular tamanho e costure no bolso interior de seu marido, de preferência no terno que ele escolheu para ser enterrado. Se quiser pode decorar com tempero verde e colocar algumas folhas de betel, para o cheiro basta canela. Verá como as coisas melhorarão. Saravá Cavalo de Oxossi.

Senhora Dona Odette de Crecy. Nesta Capital

Sou caixa pagador do Banco Nacional de Minas Gerais, casado há pouco tempo com a Rainha das Piscinas da cidade de Mussum, só agora descobri que minha mulher é fria. Jamais me acaricia, Se peço um café, ele vem gelado; meu bife sempre é frio, a cama, ela não esquentava mais para mim, o pé dela é geladíssimo, só se veste de branco qual eterna noiva, já comprou inclusive dois refrigeradores, pois acha sempre tudo demasiado quente na minha casa... É isto que chamamos de uma mulher-fria, não?

(Resposta — Conselho) Meu caro bancário, é isto mesmo, sua mulher é uma fria e fresca. Porque este negócio de duas geladeiras e de se vestir de branco é pura frescura. Mas também parte do problema lhe é devido. Você não deve saber esquentar devidamente sua mulher. Se ela comprou duas geladeiras, compre dois fogões, se ela se veste de branco, vista-se de vermelho. Instale calefação central em sua casa, cobertores térmicos estão na moda. Quem sabe peça transferência para a Matriz, no Rio de Janeiro onde a frescura campeia. Sua mulher se sentirá em casa. Boa viagem.

Senhora de Crecy.

Após ter recebido um grande cargo numa Companhia Financeira desta capital, gostaria de pedir-lhe orientação no sentido de ingressar na mais alta sociedade sulina, pois meus chefes, espôsas e filhos a frequentam e eu e minha mulher não queremos ficar atrás. Financeiro de Sociedade.

Meu caro Financeiro, nada mais fácil. Primeiro matricule-se no Country, peça que seja apadrinhado pelos seus chefes. Embora seja difícil a admissão de sócios com menos de 75 anos, talvez com um nome altissonante sua entrada seja permitida. Caso não consiga tente o Cotillon. O Diretor Social é nosso íntimo amigo. Passe a frequentar as boates da moda, se for no Encouraçado Butikin, não é necessário pagar, é só assinar a nota, é mais chic assim. Use sempre coisas importadas, peça o endereço de alguns contrabandistas e eles irão procurar você em sua própria casa.

Compre um Mercedes branco igual ao de Gaston Wallau, que pega no soquete mais que tudo, corte de cabelo no Fernandinho, peça igual ao do Faveco, ternos, o Nazaré os faz deliciosamente bem. Quanto ao uisque sirva Old Eight em garrafas de Chivas, sempre pega muito bem. Farwell.

Odette de Crecy

Luis
Fernando

Veríssimo



PAZ

E



SURUBA



PAZ

E



AMOR



PAZ

E



AMOR SOLITÁRIO



PAZ

E



AMOR DIFÍCIL



PAZ

E



AMOR TRAIIDO



PAZ

E



AMOR A TRÊS



PAZ

E



SAUDADE



Foi a luz da sinaleira. Eram três carros com o meu. Parados no vermelho. Um pouco além das três da manhã. Vinha de um papo na casa de um faxa. Olhava cansado para o amarelo. Parecia demorar mais do que de costume. Então, em lugar de verdade, preto!

Intenso, penetrante como um raio X total. O painel ficou transparente. Eu podia ver o motor, as rodas, as peças. Voltei a fixar a luz e esta aumentava suavemente à medida que crescia em mim uma sensação de leveza. Os prédios, a rua, os postes, tudo desaparecia. Confesso que me senti aliviado. Não estava entendendo nada, mas isto não me preocupava. Sentia-me bem. Procurei analisar a situação. Uma brecha dimensional parecia ser a única hipótese possível. Se bem que ocorram com mais frequência no hemisfério norte.

A transparência já era quase total. Eu estava sentado. Logo eu, calado em uma brecha dimensional!

**ESTRANHO
INUSITADO
CONCLUINO
FINAL**

OPINIÃO

VANDERLEI CUNHA

D'Elia minha nêga: você lembra daquele tempo em que a gente podia ouvir samba com alegria e sem ter, atraz um chato dizendo que a música brasileira acabou? Lembra D'Elia? Pois é.

O disco do Paulinho da Viola que você trouxe aqui pra turma do Pato Macho, nos comoveu paucas. O Paulinho já é manjado demais pela turma e eu não preciso pedir pra que "Lapa em 3 Tempos", "Coração", "Numa Samba Curto" e outras sejam escutadas i-me-dia-ta-men-te. Paulinho anda longe de qualquer desgaste, e sa é a verdade.

Sambas lindos e agerrados a uma fisionomia poética de primeiro nível dão ao alépê as tais medidas sébias que só a mulher amada possui.

A orquestra permanece na distância certa, os arranjos do Gays não tentam passar por cima do que não devem, o som está ótimo e a voz do Paulinho, não esconde um certo entusiasmo. Como se diz no jargão capitalista: agerre é te disco com toda força, antes que esgote, bicho!

É um lançamento Odeon. Tem até um cravo e um chorinho muito do sapeca.

HOT PANTS



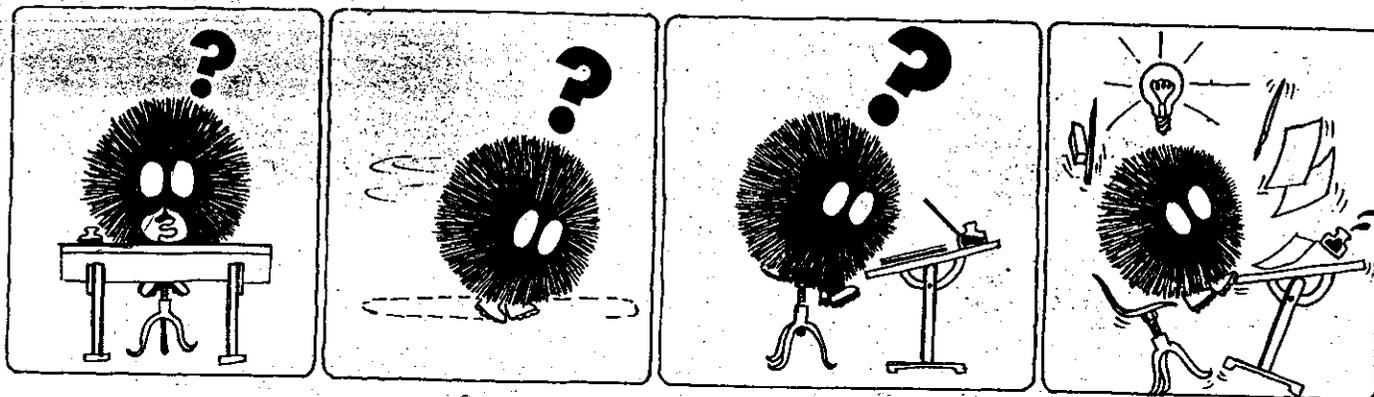
É a nova ordem!
Descontração total.
Liberdade de movimentos.
Elegância natural.
É a nova moda jovem!
Superliberal.
Pra frente.
Quentíssima.
HOT PANTS EM COURO.
Exclusividade Simps!

HOT PANTS

SIMPS

MAGAZIN

DR. FLÔRES, 205



VANDERLEI CUNHA

Todas as frutas são derivadas da banana, primeira fruta que existiu.
As baratas são formas móveis de flores, embora visualmente pareçam não ter a mínima conexão com elas.
A Bíblia mentiu sobre o maçã porque achou que a palavra «banana» era muito indigna.
Tossir é uma forma de amor.
No início, os homens caminhavam com as mãos. Porém, evoluíram e chegaram à forma atual, que foi considerada menos obscena.
99 por cento do mundo são cadáveres e túmbas. Somos o restante 1 por cento... (ou não?).
Geralmente não se usa o sexto dedo porque sua existência não é fisicamente perceptível.

Yoko Ono é uma mulher muito feia. Eu sei que John Lennon não gosta que falem assim, mas hoje eu estou do contra. E uma mulher muito engraçada, também. Se vivesse em Porto Alegre, passava o dia inventando trotes pra bicharada da Engenharia. Yoko é uma grilação. O Lennon se amarrou nela e deixou Paul George e Ringo batendo com o pézinho no mármore, loucos de ciúmes.

Não conheço ninguém — aqui no Brasil, pelo menos — que goste dela. Não falo da aparência. Acho que o próprio Lennon se assusta de vez em quando. Falo das jogadas intelectuais, das suas idéias, do plá. Quem a ouviu cantar com aquela voz que o Diabo

lhe deu, não conseguiu emplacar em nenhum vestibular e ainda por cima — o que é mais grave — sentiu diminuírem gradativamente as tão preciosas manifestações da libido Chato, muito chato. Quem mandou? Enfim, a moçada não está muito interessada no senso-de-humor da bicha.

Mas ela tem um livrinho de instruções pelo qual eu me dei o trabalho de pagar 15 cruzeiros, numa sofisticada livraria de Buenos Aires. Se chama «Grapefruit» (sabe como é, aquela mistura de laranja com limão) e anda lá pelas 300 páginas. Traz tudo o que a menina fez até hoje em matéria de curtidão: poemas, músicas, partitu-

ras, desenhos, idéias para vender, conselhos, cartas, dicas, etc. «Grapefruit» foi publicado originalmente numa edição limitada de 500 exemplares, em Tokio, 1964. Agora aparece acrescido dos trabalhos realizados por ela nos anos posteriores.

Acho que não vai ser lançado por aqui, mas valeria a pena que vocês dessem uma olhadinha, apenas para sentir a barra.

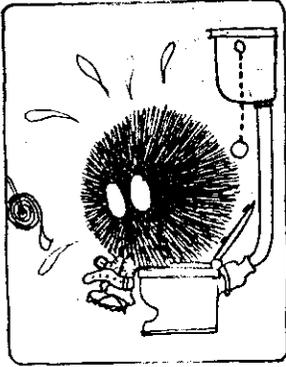
Ai vão — como diz o Luiz Carlos Felizardo — alguns retalhos da obra. Coisinhas em que ninguém tinha pensado ainda mas provocam aqueles habituais que depois de lida vão «Ah, é mesmo!». «Legal, bicho!» Legítimo Ovo de Yoko.

FAVOR QUEIMAR DEPOIS DE LER (OU ANTES SE PREFERIR)

1. PEÇA DE RISO — Passar uma semana rindo.
2. PEÇA DE TOSSE — Passar um ano tossindo.
3. PEÇA VOCAL PARA SOPRANO — a) Gritar contra o vento.
b) Gritar contra a parede.
c) Gritar contra o céu.
4. UMA PEÇA PARA ORQUESTRA — Contar todas as estrelas da noite, de memória. A peça termina quando todos os membros da orquestra terminam de contar estrelas ou quando amanhece.
Se não houver estrelas, pode ser feita com janelas.
5. PEÇA DE BEBER PARA ORQUESTRA — Imaginar um peixinho dourado nadando através do céu.
Deixá-lo nadar de Este a Oeste. Beber um litro de água.
Imaginar um peixinho dourado nadando através do céu.
Deixá-lo nadar de Este a Oeste.
6. PEÇA GRAVADA I — PEÇA DE PEDRA — Gravar o som de uma pedra envelhecendo.
7. PEÇA GAVADA IV — PEÇA DE MOVIMENTO — Registrar o som das estrelas, movendo-se.
Não escutar a gravação.

8. PEÇA DE COLEÇÃO — Coletar na mente os sons que escutar ocasionalmente durante a semana. Repetir-los mentalmente numa ordem diferente, mais tarde.
9. PEÇA DE ECO TELEFONICO — Conseguir um telefone que dê apenas o eco da sua própria voz. Chamar todos os dias e falar de muitas coisas.
10. PEÇA DE BICICLETA PARA ORQUESTRA — Andar de bicicleta numa sala de concertos. Andar por todos os lugares possíveis.
Não fazer nenhum ruído.
11. PEÇA DE PULSO — Escutarem o pulso dos outros, colocando a orelha no estômago do parceiro.
12. PEÇA TERRESTRE — Escutar o ruído da terra girando.
13. PEÇA SUBTERRÂNEA — Escutar o som da água subterrânea.
14. PEÇA DE AMANHECER — Tomar a primeira palavra que passe pela cabeça.
Repeti-la até o amanhecer.
15. PEÇA DE RETAGUARDA I — Apagar a luz.
Ficar atrás de uma pessoa durante 4 horas.





BIXOXIM
THE IDEA teo busch



Works and drawings by Yoko Ono • Introduction
by John Lennon • \$3.50 • Simon and Schuster

16. PEÇA DE RETAGUARDA II — Apagar a luz. Caminhar atrás de uma pessoa durante 4 horas.
17. PEÇA DE ESCONDE-ES CONDE — Esconder-se até que todos voltam às suas casas. Esconder-se até que todos se esqueçam de alguém. Esconder-se até que todos morram.
18. PEÇA PARA CIDADE — Caminhar por toda a cidade com um carrinho de Ebbé vazio.
19. PEÇA DE NEVE — Imaginar que a neve está caindo. Imaginar que a neve está caindo em todas as partes, todo o tempo. Ao falar com uma pessoa, imaginar que a neve está caindo entre você e ela. Parar de conversar quando julgar que a pessoa está coberta de neve.
20. MAIS 3 PEÇAS DE NEVE/ PARA SOLO & ORQUESTRA. nº 1. Enviar sons de neve a uma pessoa querida. nº 2. Caminhar na neve sem deixar marcas. nº 3. Encontrar uma mão na neve.
21. PEÇA DE SANDUICHE DE ATUM — Imaginar mil sóis no céu, ao mesmo tempo. Deixá-los brilhar durante uma hora. Logo fazer com que se derretam gradualmente dentro do céu. Preparar um sanduíche de atum e comê-lo.
22. UMA PINTURA PARA VER O CÉU III — Ver o céu através dos músculos de uma mulher. Ver o céu através dos próprios músculos. Ver o céu através das perências pessoais, fazendo furros nêles. P. ex. calças, blusas, camisas, meias, etc.
23. PEÇA DE SANGUE — Usar o próprio sangue para pintar. Seguir pintando até desmaiar (a). Seguir pintando até morrer (b).
24. PINTURA A GOTA D'AGUA — Fazer uma goteira. Por uma pedra embaixo. A pintura termina quando a gota cava um buraco na pedra. Pode controlar a frequência com que a gota cai. Em lugar de água, pode usar cerveja, vinho, tinta sangue, etc. Em lugar de pedra, pode usar máquinas de escrever sapatas, vestidos, etc.
25. PINTURA PARA SER REGADA — Regá-la todos os dias.
26. PEÇA DE MAPA — Desenhar um mapa imaginário. Marcar no mapa um ponto onde deseja ir. Ir caminhando por uma rua verdadeira, segundo o mapa. Se não houver rua onde deveria haver, segundo o mapa, fazer uma, pondo de lado os obstáculos. Quando chegar ao objetivo, perguntar o nome da cidade e oferecer flores à primeira pessoa que encontrar. O mapa deve ser seguido fielmente. Pedir aos amigos que escrevam mapas. Dar mapas aos amigos.
27. PEÇA DE MÁSCARA I — Fazer uma máscara maior que a própria cara. Lustrar a máscara todos os dias. De manhã, lavar a máscara ao invés da cara. Quando alguém quiser beijá-la fazer com que beije a máscara.
28. PEÇA SOLAR — Olhar para o sol até que ele fique quadrado e assim se ponha.



**TODO
CAFONA
SERÁ
CASTIGADO!**

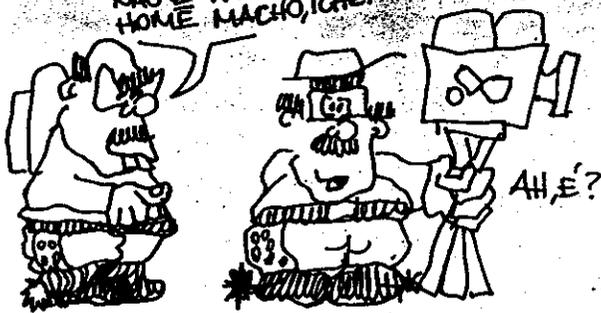
Nada de panos vulgares, homens e mulheres.
Não caiam nas tentações do baratopaca,
da moda duvidosa, do lugar-mais-do-que-comum.
Livrem-se para sempre da curtição
do inferno do mau-gosto.
Venham vestir-se na BIER!

Lojas **bier bier**
feminina

Andradas, 1600
Uruguai, 119
Otávio Rocha, 1625

Andradas, 1625

COMO É BENTO!
TU SEMPRE DISSE
QUE CINEMA
NÃO É PRA
HOMENS MACHOS, TCHÊ!



LEVITAN

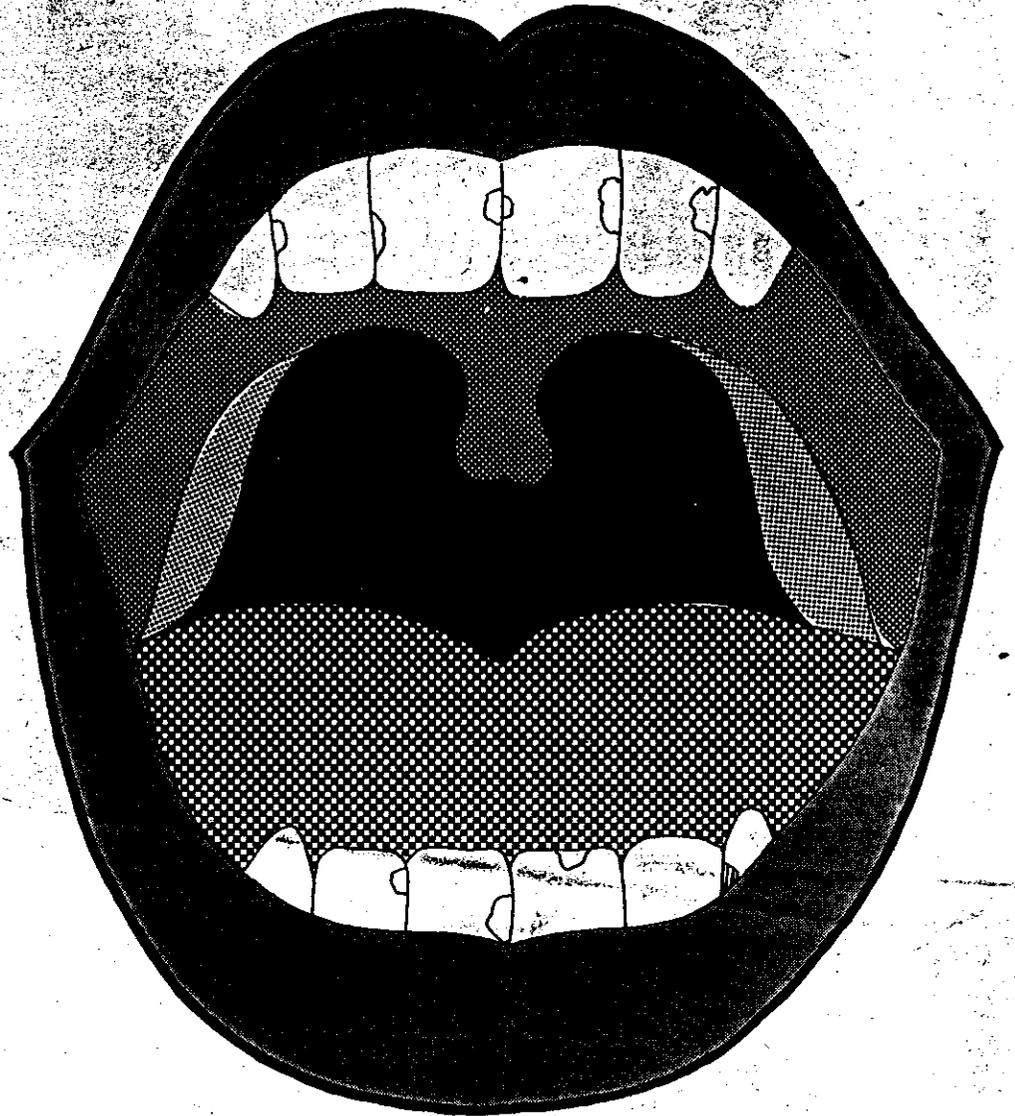


NO
PRÓXIMO
AS
REFLE-
XÕES
SOBRE
O
PATO

seis

VANDERLEI CUNHA
BETO PRADO
LEVITAN COI
TATATA / LUIS
FERNANDO
CHARLES, O NOBRE

os canais estão todos obturados.



NUMEROS ATRASADOS PROCURE
NA JOSE BONIFACIO 595

Breve **JÁ**
Nas Bancas
TARSO DE CASTRO
CLAUBER ROCHA
LUIZ CARLOS MACIEL
PAULO FRANCIS
MARTHA DE ALENCAR

fique no 10 
e livre-se da dor.

COLÓQUIO NOBRE x RUBIS

todos sabem — e se não sabem ficarão sabendo agora — que uma das amizades mais sólidas e sinceras desta cidade é a minha com o presidente da Federação Gaúcha de Futebol.

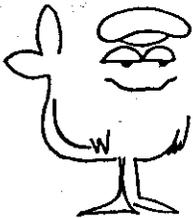


certas impressões mais afobadas sobre meu amigo. Por exemplo: não sei se os distintos leitores deste hebdô sabem que o Rubis, antes de assumir a presidência da FGF, foi submetido a um teste de cultura. Pois foi... e saiu-se muito bem. Como nós aqui abatmos a áspide o mostramos o pau, eis o teste cultural a que submeteram o Rubis: Onde se acham escritos os seguintes pensamentos?
 — Vovô viu a ave.
 — Agite antes de usar.
 — Favor colocar o papel usado no vaso.

O NOBRE ENFRENTA O RUBIS, ABATE A ÁSPIDE E MOSTRA O PAU.



sete



EXPEDIENTE

PATO MACHO

EDITORES

Claudio Feriuto
 Col Lopes de Almeida
 Luis Fernando Verissimo

COLABORADORES

Carlos Nobre, Assis Hoffmann, Roberto Pimentel, Ruy Carlos Ostermann, José Onofre, Divino Fonseca, Levitã, Gerson, Nilus, Renato D'Arrigo, Odette de Crecy, Pedro Mohr, Carlos Holst, Vanderlei Cunha e Harry Sabugosa

PLANEJAMENTO GRAFICO
 SIGNOVO Ltda.
 Luciana de Abreu, 247.

IMPRESSO nas Oficinas da Gaúcha Gráfica Editora S/A.
 Av. Ipiranga 1075, fone 23.42.66

Diretor Responsável
 Luis Fernando Verissimo
 Um jornal de
 GRAFITTE EDITORA S/A.
 Diretores
 Sergio Alves Rosa e
 Renato D'Arrigo

PUBLICIDADE E CIRCULAÇÃO

Eloí Oelente
 Impeco Representações Ltda.
 Av. José Bonifácio 595
 fone 23.78.50



**EUROPA, PORQUÊ?
 O "HOT" EM MODA FEMININA
 É COMIGO MESMO**

- HOT PANTS DE VÉLUDO ITALIANO
- MIDIS ESTAMPADOS (LEONARD & BELLINA)
- BOTAS DA BIBBA
- MANTEAUX
- CONJUNTOS DE JAQUETAS

H
 HELYOS'

O CRÉDITO JOVEM

OSVALDO ARANHA, 1220

aliás, amizade antiga, antes mesmo do Hofmeister ter conseguido suas quatro Ferraduras, que por sinal é ostenta com indistarcável orgulho. Daí nossos constantes encontros em tão variados lugares, notadamente no Cottillon Club, onde, recentemente, o Rubis ofereceu à crônica um delicioso «coq sauté au beurre», logo traduzido pelo presidente como «galo saltanto aos berros». Mas isso deixa pra lá.

meu dileto amigo tem sido malhado por muitos impiedosamente. Dizem que seus constantes esbarrões nas preparoxitonas em microfones locais e adjacentes têm sido durrabo. Não sei. Nunca ouvi. Louvo-me sempre na opinião do Claudiomiro a respeito do presidente: «Seu Nobre, nunca ouvi um homi falá melhor na r; dia».

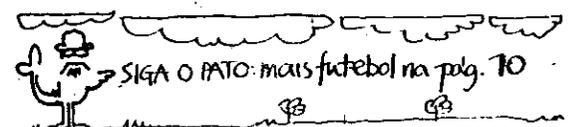
em nome de uma amizade que prezo às pampas, estou aqui para desanuviar

Posso assegurar — e tenho o teste em mãos — que o Rubis saiu-se airoosamente, respondendo certinho. Aliás, éle mesmo confirma:
 — Jamais serei aqui o bode respiratório. Minha gestação na FGF, queiram ou não, será marcada pela seriedade pela honradez e pela gravi... gravidade. Sou portanto apto, senhores ou 20.

Quando lhe disse que apesar de tudo, planejavam um «impeachment» na Federação, Rubis deu de ombros:

— Não conheço, mas duvido que um estrangeiro possa me substituir. Demais — prosseguiu — podem me criticar à vontade, mas enquanto eu for o presidente da Federação ela será sempre respeitada como a entidade mãe. Portanto ninguém vai esculhambar esta bosta, não.

ORubis falou - e quando o Rubis fala, tá falado.



SILÊNCIO



Foi vocês que pediram. Encheram meu saco. Apesar de tudo este jornal ainda dura três ou quatro números, não que dependa de mim, mas foram vocês que quiseram assim, e assim vai ser. Não acredito no que sou, apenas sei que o que posso fazer dentro de uma limitação infinita. Eu assistirei cucas fundirem-se. Cérebros desmancharem-se. Vou rir. Grandes e sonoras gargalhadas ecoarão pelo espaço enquanto seus corpos dilaceram-se pelo chão. Milhões de anos luz separam-nos. Eu vivo sobre a via láctea e será lá de cima que assumirei minha personalidade verdadeira. Não nasci para este mundo, onde o médio transtorna corações e mortifica corpos. Não foi pra isso que eu vim. Entrego os pontos enquanto ainda tenho o que entregar, depois seria tarde demais. As mulheres que passaram em minha vida continuarão sempre me amando, sempre. Ninguém esquece o que foi importante. Lembrarão de camas, onde juntos dormimos o sono do prazer. Amor... burlufesi não é bem o que procurávamos, então. Houveram tempos de ação, muita vontade sendo reprimida; encontramos no amor a força que nos manteve vivos. Continuamos lutando enquanto existiu vida. Depois a morte desceu. A escuridão tomou conta das nossas vidas. Mesmo a alma mais pura — medonha — escureceu. O preto passou a ser a cor da moda. Costureiros lançavam mantos negros, quando o tom era verde. Vestidos longos descliam escadarias de mármore também negro. No céu uma tênue luz iluminando o negro de seus rostos. Dois cavalos brancos corriam pela estrada. Seu brilho assusta crianças que morriam de pavor. Velhas enlouquecem. Seus passos eram permanentemente observados. A angústia de uma espera sem esperança. Árvores apodreceram e onde houvera um campo a terra negra dominava. Fezou água quando todos tiveram sede. Muitos morreram. Outros morrerão.



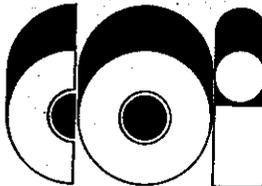
OPINIÕES

O primeiro número estava um lixo. Um cara telefonou pro meu pai dizendo ser uma «barbaridade eu estar usando o nome d'ele (meu pai) pra escrever tant' asneira». A mãe do gordo Esbroglio, senhora que nunca vi em minha vida, andou perguntando se eu era tão tarado. Reposta à mãe do Esbroglio: depende das circunstâncias, minha senhora. Bem, teve mais gente que reclamou, mas a estas, por consideração ao Luiz Fernando Veríssimo, eu não responderei, ainda. O segundo número ficou bem mais bacaninha, mais insípido, inodoro. Não gostei. O terceiro está chato paça. Muito sério, todo mundo resolveu curtir uma de Renato D'Arrigo e deu no que deu. Eu só me realizarei no quarto, é claro



MÃE DO TAI

As Organizações Marion Ltda. — da qual faz parte a boate Kaverna — anunciam para breve a apresentação da mãe do Taiguara em seus salões. A senhora Taiguara mora em Montevideu onde cantou em clubes noturnos. Aproveitando o sucesso do filho, e na certa ignorando aonde vai se meter, a cantante uruguaia quer tirar um sarro no portunho.



SIMANDOL

Uma semana depois de lançado o jogo do Simandol, os efeitos começaram a se fazer sentir. Embarcou para Nova Iorque, de onde nunca mais pretende voltar, Marilene Tombini. Ela levou máquina fotográfica pra mandar retratinhos de lá, retratinhos que serão publicados pelo Pato Macho. Outra partida iminente é a do Fumaça. Ele viaja ainda este mês para London, London; o Mário Gustavo vai depois, de moto. Se nosso hebdô durar mais de um mês Páto Alegre vira tapera. O maior negócio por aqui começará a ser Agências de Viagem.



ATLAS

A Editora Kosmos lançou, pra venda pelo reembolso postal, um Atlas Sexual. É sim, atlas mesmo; deve conter cartas do corpo, montanhas, rios e cascatas, florestas virgens não, isso não existe mais. Sexo de uma hora pra outra virou artigo de consumo, antigamente era consumido com muito mais recato, agora está em todas as bancas, junto com Correio do Povo, Pato Macho e Capricho. Por 15 cruzeiros você manda vir um Atlas, coisa bem mais excitante do que aquelas famosas fotografias vendidas na feira de pornografia de Copenhague. Se for o que imagino.



ROTEIRO

Hoje, quando começar a amanhã, Bethânia estará descendo as escadas internas do Buttkin. Leina Krespy ficará lá em cima esperando a bem amada. Rosinha de Valença, cabelos na cara, violão na mão pra acompanhar a mana do Caetano. A sopa de cebola espera, ainda quente, no Tia Dulce. Carlos Heitor oferece almôço pra patota ali na frente. No Barriguinto Indefectível Flávio Pinto Ribeiro tentará tocar violão como Lucio Alves. A madrugada vai ser anunciada pelo Alvacir no Buttkin: tá na hora de visitar a Kaverna. Manoel Pedro sai de mansinho. O Marcos Noronha já foi dormir.

otio

Espaço em branco reservado pro Dr. ↑



A casa de Dedê Barros Lima já era. Hoje é Galeria de Arte.

Mesmo sem termos o passe mágico do convite, fomos, vimos e comentamos Tânia Carvalho tresloucadamente atendia porta com um saipicado Yves Saint-Laurent. Arthur e Norma Corrêa, née Bier, recostavam-se num glorioso guerreiro Stockinger, entre um Chivas e um Ballantines, Carlos Heitor vicejava nos canapés-Thompson. Salas, salões, salinhas, saletas, banheiros grávidos visitantes. Tenius violentamente esculpturava em vermelho e aço, uma das melhores coisas-objetos expostas. Discretíssimos e furtando-se a qualquer noticiário patomachense. Sr. e Sra. Adroaldo Endres. ex. pliar da noite, que muito a brilhantava a escuridão do

Butikin com aquela cabeleira loira, e por falar nisto o irmão dêle anda na Inglaterra, namorando ou coisa que valha — uma princesa do condado de Kent. Mas eis que surge sob uma cariátide, o acheteur Manoel Pedro dos Reis sem Bárbara de Castro, e pelo talão de cheques do Crédit Suisse que êle levava no bôlso, parece que as compras foram milionárias. Aliás, demonstrou seu esmerado gôsto ao comprar uma Tarsila do Amaral recentemente.

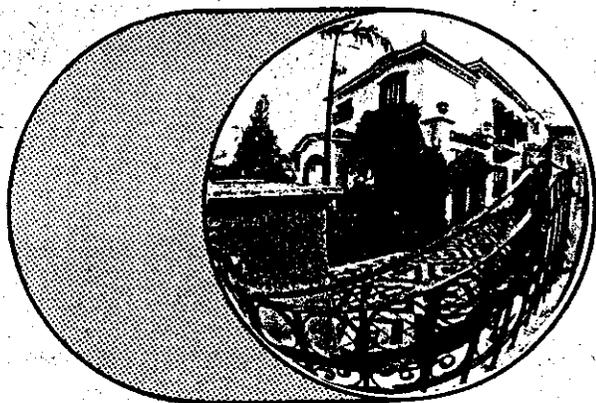
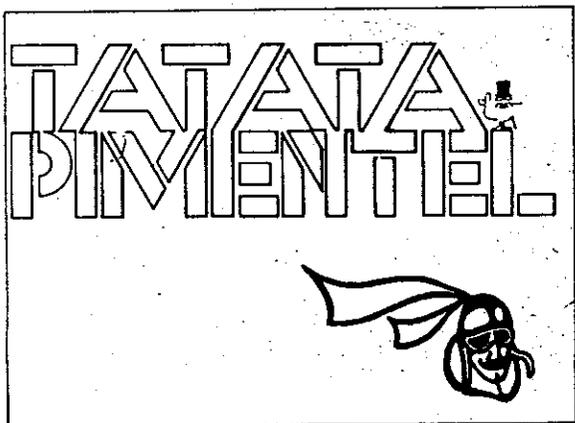
Upstairs os grandes grupos dividiam-se em pequenos grupos, Celinha e Air Chagas Telles, ela em marrom profundíssimo, recostava-se em uma arca made in Tôrres, coisas de Gheno, que aliás pintou decorou, poliu e lustrou o palacete de Barros Lima. Fazenda.

se o calor sufocante, no alpendre situavam-se o Dr. Araci Alves, parente de Guaga, Mimie Haroldo Stumpf, conseqüentemente parente meu também, Pedro e Luiza Chaves Barcellos, ela com um imenso brilhante, coisas de família, em uma montagem moderníssima. No grande banco em decapé verde, também coisas de Gheno, Robi e Patsy Bina. A grande e marmórea esquadria dava passagem para dona Judith Lorentz e Dona Lia Sisson. Dona Olinda Alves em colar de Turquezas Calabroni e fãria Nefertiti ressucitar de inveja. Mas eis que aparece o jornalista Flavio Carneiro, com a glória de espôsa Heloisa, remember casamentos em São José a no passado. lunes Japus a palpava alguns frios mármores de Vasco Prado.

Dona Katryne Silva provaram que shorts e manteau também são de sociedade. Dona Muriel Brach, sogra de Athos Damasceno Ferreira, era das mais simpáticas. Sr. e Sra. Ruy Spohr, êle em gravata roxa profundo, ela branco leitoso: nota da alta costura. Valdemar Bier deu-me tôdas as explicações necessárias. Fernandinha Gheno semi-híbrida de luz vagueava por entre de tela em tela. O grupo técnico aboletando no parapeito de uma janela constava de Lipmann-pintor, Pegrorarogravador, Irene Mugliatti com uns lindos cabelos afoqueados, Italo Qualisont, Pascoal Ianni, Tunuca e Flávia Pellanda com a gostosura de um colar egípcio. Dona Judith Martins Costa em um Nazaré de veludo amassado.

Agarrada em uma azeltona, dentro de um Martini triple-sec, Yvette Brandalise, agora Mattos — mulher que amo muito — e que outrora possuía a mais heráldica mansão da rua Duque, hoje destruída. Os tempos passam, as reputações se afirmam. Miltom Mattos, o Corbusier dos pampas, já projetava uma destruição total da Mansão de Dedê para a reconstrução de um projeto seu.

A noite adentrava, os Chivas secaram. Dona Yara Pascal de Ktaft, não foi vista. Fada Noely, habituada de vernissages não disse presente, Manoel Pedro foi para o Butikin. Muita gente reclamava das varizes e celulite a noite não era mais arte, agora era fôgo.



MOTR

Dona Amelinha Tostes, prima de Dona Marília Agrifóglis de gustava homericos canapés num canto obscuro do Butikin em homenagem a Dona Onira Terra de volta aos pampas. Sandra Garcia completamente contundida e queimada depois de um jantar no Plaza, onde recebeu uma bandejada na testa e um fôforo aceso em lugar inominável. Dona Betty Gheno, de negro profundo disse-me alió na Galeria do Rosário. Notas dez pela simpatia de Dona Betty. Aristides Germny, conta Sandra Garcia, providenciando na compra de uma carruagem bronzada que o conduzirá às comemorações efêmeras. Uma graça de menino é aquele que se chama Farsinho Alves Filho. Mas eis que, Aleluia gritaram os anjos quando Tonho Macedo, o mais belo play do sul do país voltou a noite e ultrapassou o portal rubro do Butikin. Carlos Heitor aniversariou dia 16 do 4, pelo transcurso de mais uma primavera remodelou a Vila ex-Velha. Saudades foram sentidas de minha amiga Mimi Mero Chaves Barcellos Gomes, a melhor preparadeira de canarões da orla marítima. Mas a glória mesmo é minha amiga Dona Sandra Heive Chaves Barcellos, classe, inteligência, simpatia e aquele algo mais que só ela sabe ter. Magda e Adão Rosa, foram vistos embando-se no igarapés do Amazonas, quem conta o fim deê, o Baul. E onde andam Dona Adelita Bass e Dr. Milton Pezis Abramovitch? Gasparoto fará mais um -cumpleaños- no Cotillon, onde receberá Ruy Sommer para um Old Eight. Dizer que Anette Agostinelli é tipo exportação é redundância. O soroboto encandido ela não fôr capa de Vogue International de la USA. Jussara Krquise tem um Q.I. acima do normal. Dona Maria Guazpari continua recebendo exclusivismo no salão de chá na Doutor Valle qualquer dia lá iremos



José Grébler funda mais uma boate em Montenegro, terra de Ruy Sommer.



RUY SOMMER Antes & Depois



de Encouraçado Butikin



FLAGRANTE DA SOCIEDADE

Dona Liane Diehl Xavier assustadíssima quando soube das grandes probabilidades de vir a ser citada no PATO MACHO. Acabou sendo.

EU GOSTARIA DE INTERROMPER ESTE COLÓQUIO PARA DIZER QUE NO IPV NÃO EXISTE PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO.

OBRIGADO

ONDE É QUE NÓS ESTAVAMOS?

TU EU NÃO SEI, MAS EU Tô NA MINHA

O IPV ESTÁ NA DÊLE, ESTÁ NA SUA, ESTÁ NA DE TODO MUNDO.

IPV, O QUENTE

EP. CÂNDIDO GODOY, DEFRENTE A SANTA CASA. FALOU

IBSEN — Talvez eu faça uma frase ou duas para tentar condicionar a conversa: O futebol é uma coisa seria para mim, e por isso mesmo ele deve ser tratado com humor. Vou generalizar porque acho que isso é que é capaz de propiciar um bom debate. Sobre o que há de mais geral no futebol, duvido que haja discordância. O futebol é bom com força, com habilidade, com velocidade. Para mim, a partir do fato de que os que estão em campo são atletas — isto é, têm as duas condições iniciais, força e velocidade, num grau mínimo alguns, num grau máximo outros — a questão é usar, no máximo, a habilidade de cada um, que é o que distingue um mau jogador de um bom jogador, um mau time de um bom time. Eu acho que o grande debate que possa existir sobre futebol arte e futebol força, está mascarando uma realidade. Na verdade, as diferenças são entre os meios para chegar a essa finalidade ideal. Alguns talvez achem que, propondo um jogo que repose na habilidade para que depois se consiga o máximo em matéria de força e velocidade, estejam no caminho certo. Outros, e eu estou entre esses outros, partem de princípio de que força e velocidade são um dado do futebol. Um dado que tem que estar presente quando se começa a discutir o problema. Colocado esse dado, surge o problema de como colocar a grau possível, dentro de um clube, dentro de uma seleção, etc.

ca como a habilidade era a condição de existência do futebol brasileiro. E esse erro, porque eu considero um erro, nos levou a alguns fracassos internacionais, e a um estacoiamento em matéria de evolução do futebol. Foi uma experiência bem determinada, de Zezé Moreira, que fez com que nós passássemos de uma fase na qual a habilidade era dominante para uma outra, na qual a condição física, a função a ser exercida, era o fator predominante. O futebol exercido por Zezé Moreira, na década de 50 (no início da década no Fluminense — a marcação por zona — e mais tarde na seleção brasileira de 54, que fracassou, mas frente à Hungria, que era uma equipe excepcional, e depois em 59 novamente no Fluminense) me parece marcar fortemente essa inversão de papéis. Então, a partir de Zezé Moreira, nós temos um futebol orientado, dirigido não mais em função da grande habilidade mas em função da ideia coletiva. E a partir da ideia coletiva, então, o indivíduo passou a ser uma função, e não propriamente um exercício de narcisismo. E aí o futebol brasileiro começa, claro que com altos e baixos, a se determinar em função daquilo que afinal de contas traria as grandes vitórias de 58 e 62. O fracasso de 66 é apenas uma nostalgia daquilo que existia, antes, e um equívoco completo. Mas 70 reabilita por inteiro um futebol de competição, de extraordinária determinação física, mas no qual resplandece como um elemento absolutamente necessário, o talento. Mas é o talento encontrando suas condições próprias de florescimento. Quando a gente reabilita a noção clara e precisa de um Pelé, é por força de um Zagalo, dentro de uma determinação coletiva e tática que permite a Pelé ser exatamente o extraordinário jogador que é. E quando, num Santos, não há esquematização, há a tentativa do indivíduo, Pelé é às vezes um jogador comum. Então eu penso que toda esta discussão é extremamente atual, é importante, estabelece rumos para o futebol brasileiro, na sua compreensão. E eu sempre me preocupei muito em que se pudesse chegar a uma compreensão de futebol, uma compreensão tanto ao nível de crítico e das pessoas que entendem do assunto, como ao nível do público, para que este pudesse chegar a uma ideia do que é bom em futebol. Mas acho que nós ainda estamos presos a noção de que o bom em futebol é o que aparece, é o que resplandece, é o que assume a individualidade. Quando, eu penso, o futebol já evoluiu para formas muito mais coletivas, muito mais afirmativas do todo em detrimento da parte. E isto ainda falta, esta é a incompreensão, e este talvez seja o problema.

FELINTO — Tendo em vista a minha função no futebol amador, trabalhando com juvenis e infanto-juvenis, e concordando plenamente com o que disse o Rui Carlos Ostermann, posso dizer que nesta vivência curta de dois anos e meio no futebol amador, eu sempre vi a preocupação do treinador em verificar a habilidade do jogador. Isto eu acho um defeito e um erro muito grave. No meu entender, a principal preocupação deveria ser o trabalho em conjunto. Por isso, muitos e muitos jovens, de 17 e 18 anos, são jogados fora.

ONOFRE — Eu diria que o São Paulo não jogou em função do Gerson. O Zezé Moreira é que fez o Gerson jogar em função dos jogadores que o São Paulo tinha.

ONOFRE

ONOFRE — Eu perguntaria se já que o jogador é uma totalidade humana, — se há casos de caráter psicológico, em que uma habilidade técnica, um refinamento no toque da bola, uma maneira mais delicada de olhar as coisas, pode levar um jogador a um individualismo tão exacerbado que, sendo apto tecnicamente ele se torne improdutivo e absolutamente desnecessário a uma equipe. Estou, é lógico, falando no Bráulio, mas de certa forma também no Pelé do Santos. Quei dizer, um jogador fora de comum, pelo fato de jogadores mais comuns terem de se guiar por ele, decreta a inexistência da equipe. Talvez isso não resulte de um narcisismo de Pelé, mas de um foco negativo que se forma, forçando a direção técnica a centralizar o jogo nele, e fazendo com que o Santos seja um fracasso atualmente.

monstra em campo para aligeirar o ritmo de uma partida ou reter a bola, se for o caso, é a sua grande contribuição para o grupo. No entanto, se nós não tivermos um grupo e sim onze pessoas, o que é muito diferente, o Gerson vai desaparecer em campo. Como qualquer individualidade afunda se não tiver, na coletividade, no grupo, no time enfim, os amparos necessários para que ela se desenvolva. O talento em futebol está a serviço do conjunto, na mesma medida em que esse mesmo conjunto de pois fica a serviço do talento de quem tem e não, evidentemente, do esforço de quem não tem.

RUI — Eu acho que o exemplo mais acabado disso é, infelizmente, o mais contraditório, foi o da seleção brasileira em 70. O Zagalo, sentindo que haveria de enfrentar organizações defensivas maciças, apresentou o Brasil também como organização defensiva maciça. Sobretudo levou em conta que tinha jogadores de um talento extraordinário nessa formação defensiva. Então o Brasil jogou, efetivamente, com quatro zagueiros, cinco apoiaadores defensivos, e apenas o Tostão na frente. O que pareceu muito

DIVINO: MARAVILHOSO

DIVINO — Mas então como é que um São Paulo só em função do Gerson, consegue ser campeão palista? O Gerson rodeado de pernas de pau?

Foto Assis Hoffmann



FUTEBOL,

RUI: CIÊNCIA

RUI — Eu penso que a questão é em si mesma contraditória. Vamos encontrar facilmente a comprovação de que a habilidade sempre foi uma virtude básica do futebol brasileiro, ou sul-americano. Em contraposição ao futebol europeu, que não tendo habilidade recorreu a uma preparação física exemplar. E sendo o europeu, fundamentalmente, já de início, um atleta, ele facilmente chegou à concepção de um tipo de jogo no qual a capacidade física era um dado. A habilidade seria quase que uma consequência a ser buscada. Durante muito tempo, no Brasil, nós andamos atrasados em matéria de futebol porque nos valíamos do primado essencial do jogador brasileiro que era o fato dele não ser um atleta e sim um hábil. E então durante muito tempo se fez a exaltação do futebol de habilidade, do futebol artístico, no qual o jogador era uma individualidade, valia como individualidade, se afirmava como tal, e era extremamente amado pela torcida por isso mesmo. Waldemar de Brito, e não fosse ele o grande jogador que era talvez fosse lembrado como o descobridor de Pelé, dizia a Kruschner, um húngaro que trabalhou no futebol brasileiro em 37, 38 e 39, no Flamengo e no Botafogo, dizia a ele que a todo o instante necessitava fazer uma jogada de efeito porque senão o público pensaria que ele estava acabado para o futebol. Isso indi-



Foto Assis Hoffmann

paradoxal, um ponta de lança — na expressão mais comum — que não tinha velocidade, que não sabia cabecear, que não tinha arranque. Mas Tostão na frente era uma inversão completa de procedimentos táticos. Ele passou a ser, na verdade, o preparador das organizações ofensivas do Brasil. Então, com uma proposição de caráter defensivo, Zagalo criou os espaços indispensáveis para que jogadores de talento como Jairzinho, Pelé, Rivelino, Gerson pudessem perfeitamente jogar o seu futebol em condições exemplares para o seu talento. Porque o processo defensivo europeu eliminava por inteiro os espaços. O Brasil então, generosamente, mas com astúcia, concedeu espaços aos europeus. E eles sentiram que estavam diante de um problema novo. E avançaram sobre esse espaço cedido e justamente estavam dando então um novo espaço, esse não pensado, para que o Brasil pudesse jogar.

IBSEN — O Brasil ganhou a Copa do Mundo de 70 nas duas áreas!

RUI — Exatamente. Essa é que foi a grande incompreensão, que ainda existe. Qual a função exercida por Tostão, e qual a função misteriosa exercida por Jair e Pelé? É muito simples. Tostão foi um homem de meio campo avançado entre os beques contrários. E o Jair e o Pelé foram pontas de lança na nossa linha média, quase na nossa grande área. Então esse imenso espaço que se fez entre o Tostão na frente e o Jair e o Pelé colaborando defensivamente, foi esse espaço e do talento. Ai é que as jogadas nasceram. Ai é que o Brasil conseguiu jogar o seu futebol. E o que eu estava pensando enquanto o Ibsen falava. O talento é uma generosidade. E o talento é coletivo. Nunca pode apenas se exaurir na individualidade. O talento que é capaz de se distribuir, de se misturar com os outros, esse é que é efetivamente um talento útil. E então nós chegamos a um ponto crítico em relação ao debate. E preciso redefinir alguns conceitos. Quando se diz: «é um homem talentoso», se diz: «é um homem habilidoso». Não é verdade. As vezes, o ho-

mem de grande talento não é muito habilidoso. Eu acho, por exemplo, que um jogador talentoso chama-se Denilson. Eu penso que, no Fluminense, Denilson é uma figura importantíssima. Talcantanea de plano de jogo do vez seja o mais talentoso dos Fluminenses. É ele quem estabelece o ritmo da equipe, embora seja um homem de futebol tático, de uma bola difícil, uma bola meio torta. Acontece que ele é um homem que se exaure em se conceder à equipe. E por isso eu penso — e isso é uma inversão completa de conceitos — que o Denilson é um homem extraordinariamente talentoso.

IBSEN — Enquanto Cafuringa, por exemplo, seria meramente habilidoso,

RUI — Por certo. Mas na medida em que ele executasse a função de ponteiro direito, de um desbravador, de um chamarrisco para uma defensiva que deve se abrir, ele ainda seria um homem coletivo. Ele estaria, com seu individualismo, colaborando, como um Garrincha colaborou tantas vezes, para que se pudesse propor uma forma coletiva, mais inteligente de jogo. Nós chegamos a um ponto em que a questão essencial não é tanto que se faça a escolha de um jogador hábil, quer dizer, um jogador de boa técnica. Eu penso que nisso está alguma coisa, mas não está tudo. Eu acho que um homem com boa condição física, com resistência, com velocidade, e com algum traquejo com a bola, pode ser bem mais útil do que aquele indivíduo que eu estava citando antes. Normalmente, se eu dissesse isso do público, alguém haveria de dizer que eu gosto de futebol grosso. Porque estou fazendo quase que a eleição e o elogio de um Denilson. Mas, vejamos a exemplo de uma equipe «refinada». O Botafogo, por exemplo. O Botafogo é uma equipe refinada.

ONOFRE — O Palmeiras.

RUI: CIÊNCIA

RUI — O Palmeiras, é uma boa lembrança de Onofre. O Botafogo, a rigor joga por ouvido. Com facilidade. Mas o Botafogo tem carregadores de plano. E belos carregadores de plano. Homens de muita força, para que a equipe possa ser, de repente, um todo, no qual a habilidade aparece, mas também aparece a capacidade de resistir ao adversário. Eu não posso admitir um futebol no qual o primado seja o da habilidade. Eu penso que a habilidade é como que uma vitória de uma equipe, e essa vitória tem que ser bem pensada. Não é uma vitória fácil. Então eu concordo com o que o Ibsen diz: se a gente quiser chegar aquilo que pode agradar o torcedor, o caminho será uma equipe tática que se aprimora, mas nunca será uma equipe altamente aprimorada, porque essa nunca chegará a um espetáculo que também é uma competição.

LF VER ÍSSIMO:

LUIS FERNANDO — Os onze jogadores de uma equipe deveriam idealmente atingir essa síntese entre força e habilidade ou o time como um todo deveria buscar essa síntese, com jogadores habilidosos e jogadores «toscos», para usar a tua palavra, Rui?

RUI — Há uma coisa. Quais são as características fundamentais de um zagueiro central? Primeiro: massa física. É uma característica predominante, inicial, que equivale a dizer que ele pode ser um zagueiro central. Segundo: velocidade. É indispensável que um homem de área seja veloz. São duas características. Uma terceira seria que ele boubesse cabecear, e bem. Deveria também saber bater com as duas pernas, indistintamente. E só depois, aparentemente, tentaríamos encontrar nãe aquelas qualidades que são acima da condição física, da resistência, da velocidade e assim

por diante. Então se gostaria que ele fosse um homem emocionalmente equilibrado, que jogasse com simplicidade, etc. Mas se não tiver isso, se for um homem apenas de massa física, que cabeceia, que tem o entrecosto, ele estará apto à execução da tarefa do zagueiro central. E depois, com o tempo, aprimora algumas virtudes. Mas a primeira característica, ou as características dominantes de um zagueiro de área, não têm nada a ver, ainda, com a habilidade. Então se pode pensar, a partir disso, que uma equipe se organize em função de jogadores de maior habilidade e menor condição física ao lado de jogadores de menor habilidade e maior condição física. Mas fatores essenciais de uma equipe deverão ser respondidos com homens capazes para essas respostas.

ONOFRE — Quer dizer, a função faz o homem.

RUI — No futebol, a função determina o tipo de jogador a ser adotado. Há uma coisa que se afirma com a maior sem-cerimônia e que é uma grosseria em matéria de futebol: uma boa equipe é aquela em que jogam os

a troca de função, e os jogadores tendo múltiplas funções sem perder a característica dominante. E nisso a gente pode perceber uma equipe realmente avançada. O Zagalo tende para isso, mas ainda não ousou por em prática essas características air-pias.

Se a gente acompanha a evolução tática do futebol, a gente vai deparar com certas coisas um tanto ou quanto inevitáveis. Por exemplo o W M clássico estabelecia o equilíbrio. Se defendia com cinco e se atacava com cinco, com a maior naturalidade. Era um equilíbrio invejável era o equilíbrio geométrico. Mas na medida em que um dos meios, ao contrário de vir para trás em busca do «quadrado mágico» do W M, ficava à frente, colocando-se entre o comandante de ataque e um dos ponteiros, criava-se a figura do quarto atacante. Isso obrigou, como consequência inevitável, a que um dos médios da equipe contrária ficasse marcando esse meia, e se transformasse, então, no quarto zagueiro. Então a evolução vai, gradativamente, dessa forma: dificuldades que surgem e que devem ser resolvidas. Quando na década de cinquenta os italianos importaram muitos jogadores estrangeiros — e como importação era investimento, esses jogadores eram preferentemente atacantes porque o atacante é o que mais brilha, porque faz gols, e o gol sempre é um organismo em futebol — esse atacante incorporados ao futebol italiano decretaram uma modificação radical. Tínhamos uma avalanche de gols, porque todo o invasor sempre tem uma tecnologia mais avançada. E os treinadores estavam perdendo seus empregos. Ninguém continha aqueles homens.

ONOFRE — O bom treinador era o que sabia importar melhor!

RUI — Claro. Então a evolução natural e espontânea foi o reforço defensivo. E a partir disso surge verdadeiramente o pensamento sobre futebol. Até então o futebol era folclórico, era romântico. Começam a surgir as dificuldades mais agudas, mais decisivas, e por isso uma crise no futebol, implica no surgimento de pensamento, de novas idéias. Então se obriga a que os treinadores não apenas pensem melhor as suas equipes e planejem melhor o seu trabalho, como também implica no reforço da qualidade individual. Agora eu acho que o futebol é extremamente reacionário. Os conceitos utilizados em futebol são rançosos. A forma de se ver futebol é igual. O público reage diante do futebol como reagiam nossos antepassados. Não houve uma evolução muito grande nesse aspecto, penso eu. E ainda há o treinador que bate nas costas e diz: «Felicidades, vamos ganhar». O ponto a que eu chego é o seguinte: não se pode pensar especificamente em funções determinadas. O futebol evoluiu para formas muito mais dinâmicas, muito mais diversificadas, e é nisso que se coloca então o que para mim é tão importante. E' que futebol agora é realmente matéria de pensamento. E até pode ser, quem sabe, matéria de um dado mais científico.

ARTE, CIRCO OU ESPORTE?

022

SUPLEMENTO PATOLOCO DO Fato Macho

O FUTEBOL em CARTUM

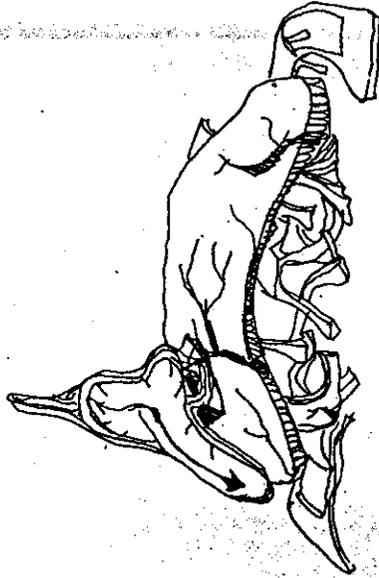
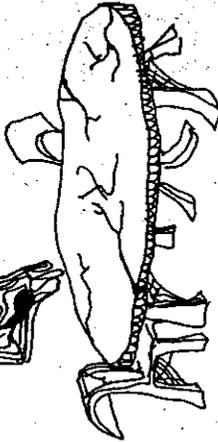
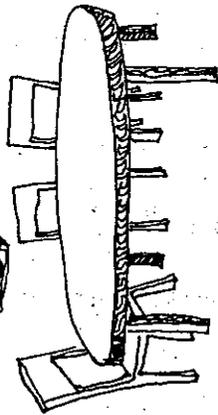
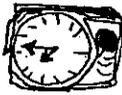
NÃO PODE SER LIDO SEPARADAMENTE Nº ÚNICO 28 DE ABRIL DE 1971
 * RUIH COMPRA 200 MARCHOS E JURISPRUDÊNCIA MARCHANDO; PORTANTO LETAMA TRAZEM O TEXTO...

OSPIRIT BAY

BETOPHMO - LEVITAN - GRITTO

10 HORAS - SÁBADO: UM ENCONTRO FATÍDICO, CLANDESTINO, MARCADO NUM LOCAL DESCONHECIDO NESTA GELADA PORTOALEGRE. ENCONTRO DE TRÊS PERSONAGENS IMPORTANTES NA ESTRUTURA CALGADA DA COMUNIDADE PORTOALEGRENSE, ELES SE DEFRONTARIAM, FALARIAM, SOBRE O QUÊ? SIM TUDO ERA UMA INCOGNITA.

E O TEMPO FOI PASSANDO...



ABRE-SE ENTÃO O PAÑO E SURGEM FIGURAS NEOTRÁDADAS POR ENTRE MEIO.

CHeguei
 Bem amigo, qual é o papo?
 O mesmo da página anterior.

DEVEMOS LEVAR EM CONTA AS CONJUNTAÇÕES PERIPATÉTICAS QUE VÓS COLOCAM NUMERO SEUS SAUDA QUANDO SE TENTA UMA ALIA LISE MAIS PROFUNDA DO FUTEBOL SAUCHO.

SEUS VAGAL: **QUIMÉ**

NÃO VÃO TRABALHAR

TA

DANITA TE PALEI PRA DOBROS, MAIS CEBOS

ISTO É BOM

QUÊ SOR TOM DA MANHA!

HI!!! ESSA EU QUJERO VER!

MEU AMIGO, MEU AMIGO, NINGUÉM É NADA DISTO! CERTO DESDE QUE O LARRY LANCOU O JANTER NUNCA TONHO ADQUIRIDO AVE. BOL. MAS, VEJAMOS ED TAMBÉM, JÓU SENTIMENTAL... É, FORÇA E LUZ, AII, O FORÇA E LUZ.

O QUEANTE DO NEGÓCIO, NA MINHA OPINIÃO, NÃO É O FORÇA E LUZ E NEM O REVER.

ACHO QUE AGENTE DEVE ABRIRE

ISTO DO FORÇA

— ou 12 ou 13 — que jogaram no México e colocar com a camisa do Botafogo ou do Internacional ou do Fluminense ou do Grêmio, o time vai jogar um futebol fundamentalmente diferente. Agora se tu pegares um desses times e mandares ac México ele vai jogar, fundamentalmente, mais parecido com a seleção brasileira.

IBSEN — Quanto à pergunta de Luis Fernando, embora eu tenha a impressão que a resposta preferida dele seja a segunda, acho que a resposta não está aí. Se é um dado que o ideal do atleta é ser forte, veloz e hábil, como a equipe tem onze, pode ser que se faça uma equipe forte, veloz e hábil, com jogadores fortes, com jogadores velozes, com jogadores hábeis. Ou com jogadores fortes e velozes, ou com jogadores velozes e hábeis... enfim, eu não sou bom em análise combinatoria mas dá para ir longe. Eu acho que o pecado dessa colocação, Luis Fernando, é estabelecer uma contradição entre a habilidade e a força. Acho que a colocação que o futebol exige é: recrutar os hábeis entre os fortes e velozes. Esse me parece o objetivo, essa me parece a síntese desejada. A maneira de chegar lá é que sempre constitui o problema. Como tudo na vida, o problema é o processo. Dificilmente as pessoas discordam sobre objetivos, porque se discordam nem convivem. Agora quando concordam, debatem sobre a maneira de chegar lá. Mas a minha intervenção tem o sentido de fazer uma ressalva. Não se pode colocar, nunca, em contradição, força e habilidade. Principalmente quando de um conceito resulta um efeito. Senão a gente corre o risco muito grave de desprezar um ou outro, força ou habilidade. E com toda a certeza, pior que um time só de habilidosos seria um time só de fortes.

COI:

COI — Bom, eu acho que a gente deve baixar a bola, inclusive geograficamente. Eu estive no Rio um monte de tempo, assistia quase todo o Robertão do ano passado lá, e quando os times daqui chegavam lá os jornais abriam manchetes na base do «time de ganchos, time sem habilidade nenhuma» etc. Então vamos chegar nessa agora. O Ibsen e o Ostermann têm condições de explicar se não seria por isso que se buscou um Oto Glória e um Dino Sani.

RUI — Está certo. Eu acho que nós temos que baixar a bola geograficamente e falar no futebol gaúcho. Mas aqui eu preciso fazer uma consideração ainda genérica. De fato há uma diferença entre o futebol jogado aqui e o futebol jogado no centro do país. Uma diferença histórica. Nós sempre fomos equipes modestas em relação ao brilho de equipes de São Paulo e Rio. Parece-me que o fator econômico é o determinante. Determina a presença nas equipes de Rio e São Paulo de jogadores de talento e a ausência desses jogadores nas nossas equipes. Esse problema determinou um tipo de futebol no Sul. Defensivo. Porque éramos mais fracos. Então os nossos grandes jogadores, salvo exceções, foram todos homens defensivos. Os nossos atacantes, via-de-regra, homens fortes e de pequena habilidade. Eu até concordar quando me disseram certa vez que o melhor para uma seleção brasileira seria recrutar defensores do Rio Grande e, do meio-campo para a frente, jogadores de São Paulo, Rio e Belo Horizonte. Agora, nós estamos tentando passar para uma etapa seguinte. Nesta se tentaria não apenas resistir ao maior poderio técnico dos adversários mas quem sabe lutar com ele em igualdade de condições. Isso vai decorrer de condições que eu não sei se existem, de mercado, de capa-

cidade de enfrentar o mercado. Falou-se que o Internacional pretendia contratar Fischer. A idéia é aparentemente saudável. Viria um atacante da seleção Argentina, um goleador, um jogador reconhecidamente capaz, para um futebol que está necessitando desse tipo de recurso. Mas Fischer significaria um salário mensal, incluindo as mensalidades das luvas, não inferior a 20 milhões. Os nossos jogadores recebem bons salários, mas não recebem salários fantásticos. Vamos a um exemplo concreto, e de ontem em relação a este debate. Cafuringa renovou com o Fluminense. 36 mil de luvas e dois mil por mês. Quem fez o contrato foi o Chiquinho, irmão dele, que está no Grêmio. Dá cinco milhões por mês. E Cafuringa é, para muitos, a grande personagem do Fluminense. Isso me parece realístico, razoável. Se o Fluminense contratasse Fischer, teria que levar em conta, quando renovasse com o campeão do mundo Felix, ou com o próprio Cafuringa, que o teto é 20. O futebol profissional no Brasil é um exagero, é uma distorção, é quase uma loucura. E o pessoal não sabe o que está fazendo. Está lidando com elementos aleatórios, com a recompensa imediata do investimento, com a possibilidade de um grande profissionalismo. Os clubes gaúchos, por exemplo, não têm mercado. O Internacional tem uma boa equipe, nada de excepcional. E precisa de experiência. Uma vez o Ivo Correia Pires me disse uma coisa que achei ótima, porque é isto mesmo. O Internacional só será uma equipe experiente o dia que chegar em Paris de avião, perder a conexão para Marselha, ter que dormir na gare, tomar o trem que o deixará em Marselha em cima da hora, entrar em campo e ganhar o jogo. Nesse momento éles estarão sozinhos. Mas acontece que para o Internacional chegar a Paris é difícil. Porque os grandes empresários europeus fazem investimentos, querem garantias de renda. E nós no Rio Grande do Sul, presentemente, temos apenas um jogador campeão do mundo. Como vender esse futebol? Como empresá-lo? É difícil. O nosso estágio é de transição. Os nossos clubes já atingiram um estágio que permite certos lances. O Grêmio traz Oto Glória. O Internacional mantém seu plantel intacto. O Grêmio também. É um estágio que a gente pode aos poucos ir suplantando.

COI — Certo. Mas há uma diferença de estilo entre o futebol gaúcho e o futebol carioca e paulista. Para mim o exemplo do futebol brasileiro foi a seleção que ganhou a Copa do Mundo. Pelo menos o exemplo do que deveria ser. E isso não é o futebol gaúcho. Não tem nada do futebol gaúcho.

IBSEN — Mas a seleção não tem nada de nenhum time brasileiro.

COI — E o Botafogo?

IBSEN — Eu vi o Botafogo jogar em Porto Alegre numa retransmissão terrível! A diferença entre a seleção e os clubes está em que o futebol que se joga numa Copa do Mundo é como música de festival. Se destina a um objetivo específico, para fazer sucesso num determinado lugar, em condições muito específicas, e bem diferentes daquelas que se encontram na rotina do futebol.

Não se pode cometer o erro de comparar seleção com time. É não pela qualidade dos jogadores. Se tu pegares o mesmo técnico e aqueles 11 jogadores...



ra. Então, futebol de seleção é música de festival. Se o Rui gostou, eu tenho impressão que a frase é boa. E tenho a impressão que interfere em tudo isso também um fator, ao qual a gente reage aqui no Sul até epidemicamente, que é o provincianismo do futebol gaúcho. Eu acho que a gente deve aceitar, tranquilamente, que o nosso futebol é do província. A nossa imprensa é de província. O nosso transporte é de província. Até o Banco é da província, com perdão do comercial. De maneira que isto aqui é província mesmo, e o nosso jogador se prosterna diante do jogador carioca ou paulista. Mas o nosso intelectual sofre disso, o nosso tenista pode sofrer isso, unfim, é uma colocação real, ela existe.

COI — Até os cavalos de praça sofrem isso!

IBSEN — O Rui abordou o fato quando disse que há um sentimento de inferioridade, que se atenua agora, mas que não se superou. Outro exemplo, também que o Rui apontou, me parece que com o apoio de todos: não se decreta que o futebol gaúcho deixará de ser de província. Não se decreta isso com a contratação de alienígena. Se um Oto Glória, se um Dino Sani contribuírem para desenvolver o futebol gaúcho, será pelas qualificações que têm, não pela circunstância de serem de fora. A circunstância de serem de fora talvez nos atraia na medida em que somos provincianos. O que eles têm a dar é o que eles sabem. E o que eles sabem decorre da experiência cosmopolita que às vezes se adquire no mesmo lugar. E como diz o Fortuna, se não me engano, que conhece vários lugares do mundo, todos no Rio de Janeiro. Agora, nós não. Nós estamos aqui perdidos neste fundo do Brasil e estamos indo devagar, em matéria de futebol e no resto. Nós já ganhamos, longe daqui, nós já temos uma postura mais ambiciosa...

ONOFRE — É que fora daqui já não é mais manchete do Correto do Povo.

COI — Em função disso, de ganhar fora daqui, é que eu faço que o futebol gaúcho, apesar de ser igual ao resto do país em matéria de vitórias, já que nós fomos vice-campeões no primeiro e no segundo Robertão...

ONOFRE — O Internacional, tu queres dizer.

COI — O time não interessa. O futebol gaúcho foi vice-campeão no primeiro e no segundo Robertão, foi mais ou menos no último, mas mesmo assim a gente joga covardemente no Rio em São Paulo. Então não seria por isso que se buscou um Oto Glória e um Dino Sani, porque

estamos chegando a um estágio profissional quase igual ao de les? O futebol gaúcho não estaria pretendendo se igualar ao futebol carioca e paulista e largar Dalros e Fronora e Sérgio e Asses montes de...

ONOFRE ERUDIÇÃO

ONOFRE — Mas todos os títulos que permitiram ao futebol gaúcho questionar a vinda do Oto e de Dino Sani, numa crise de caráter político, foram conquistados por esse Sérgio, esse Fronora, esse Dalros... O que eu me pergunto é se, em vez de futebol gaúcho ser tecnicamente covarde, nós não o apanhamos no futebol nacional no momento em que ele está fazendo seu grande aprendizado, em que está saído do bordel com suas coisas. Os times que antes se mantinham atrás para ver o que os outros faziam hoje enfrentam os outros de igual para igual, tecnicamente inferiores ou não. E se provou que, entre as ganhas e as perdas, o Internacional se saltou bem quanto tantos times do Rio e de São Paulo. Agora o futebol gaúcho começa a pensar os sadamites. O fato de virem Oto Glória e Dino Sani e Chamaco, etc., é o topo de fita nessa história toda. Porque com os novos técnicos, com os novos jogadores aqui, este Robertão vai ser diferente.

COI: CIRCO

COI — Se a gente conseguiu, com o Sérgio e com o Dalros, que são umas debilidades mentais, chegar às finais do Robertão, com Dino Sani ou com Oto Glória a gente é obrigada a ganhar o Robertão. É isso?

FELINTO — Mas se os dois vice-campeonatos conseguidos pelo futebol gaúcho podem significar uma ascensão do futebol gaúcho, ou não podem também significar um decréscimo do futebol do centro do país?

MAIS VALE UM KI-KÃO NA MÃO QUE CEM CADELAS NO PARQUE.
KI-KÃO "O CACHORRO"
ALI NA PROTÁGIO ESQUINA RAMIRO
"O MOLHO"



IBSEN: EMPRESA

IBSEN — Eu não tenho a resposta e duvido que alguém tenha, porque eu comparo uma coisa com a outra, no caso, não sei. Mas a pergunta — se o fato de trazer Dino e Oto Glória não pode contribuir para o melhor desenvolvimento do futebol gaúcho — me parece boa. Acho que sim, na medida em que esses homens foram trazidos pelas qualificações pessoais que têm. Agora, na medida em que eles foram trazidos porque são de fora, não só não contribuem como agravam o nosso problema. Me lembro de uma definição que deu o Mário Quintana, me parece que numa resposta ao Drummond, que dizia que ele devia ir viver no Rio de Janeiro e deixar de ser provinciano. Disse Quintana que não conhecia nada mais provinciano do que ir para o Rio. O atributo mais específico de provinciano é sair da província, porque só o provinciano no momento em que um Daltro Meneses ou um Sérgio Moacir ou que um Carlos Froner, pelo fato de treinarem Grêmio ou Internacional, sejam nomes nacionais.

COI — Mas o Rio Grande do Sul não tem técnico. Nunca existiu um técnico no Rio Grande do Sul. O maior técnico do Rio Grande do Sul foi o Sérgio Moacir Torres, um débil mental, um paranoico....

IBSEN — Nem sempre a imagem reflete o indivíduo. Pelo fato de nós termos dois clubes que disputam o campeonato, as imagens dos treinadores se formam em cima de uma só das características do indivíduo. O Sérgio é um comandante muito austero. O Daltro é, não sei, um pícaro, e isso dá a idéia de que talvez seja um gaiato. As coisas aqui, pela característica da disputa, tendem a parecer maiores. De um modo geral, nossos treinadores sofrem os problemas que nós sofremos. Nós temos uma visão também provinciana dos nossos problemas.

RUI — O meu critério, como profissional que deve fazer a crítica do futebol, é menos dar importância ao indivíduo do que ao seu trabalho. Se eu quero pensar Sérgio Moacir eu talvez não esqueça o indivíduo Sérgio Moacir, se eu quero examinar Iustrich eu talvez devesse esquecer um pouco o truque Iustrich, que está em briga com a imprensa carioca, o "fascista", mas deve tentar examinar o Flamengo de Iustrich, o Flamengo de Iustrich é uma tentativa — sem valores, porque o Flamengo é uma equipe absolutamente sem recursos — de futebol total. E eu acho elogiável que no futebol carioca tenha se feito uma grande revolução, deixando de lado aquilo que era a alegria fácil das tardes de Maracaná, para chegar a um futebol sério, compactado. Quando o Fluminense contratou o Flávio, um jogador que não condizia com a expectativa do público dominante no Maracaná, o Fluminense pas-

sou a vencer campeonatos. Por que colocou um homem que decidia as questões na grande área, e estas são as questões fundamentais do futebol. E o trabalho de Iustrich no Flamengo é a pauta dominante dessa modificação do futebol carioca.

DIVINO — E não Zagalo?

RUI — O Zagalo era, do Botafogo, a experiência mais sistematizada, porque mais longe, do um futebol com extrema cautela defensiva e com extraordinário vigor de contra-ataque. Foi Zagalo que instituiu o contra-ataque no futebol carioca. Enquanto os outros se preocupavam em conquistar a adesão fácil do torcedor, o Zagalo preparou uma equipe feia, lésca, mas que jogava muito bem futebol.

DIVINO: MARA VILHOSO

DIVINO — O Zezé não fez isso antes?

RUI — O Zezé foi corrido do Fluminense por tentar fazer isso antes. Em 1959, Zezé amou uma equipe que era o exemplo de equipe planejada, no Brasil. Tinha os dois ponteiros velozes que o futebol brasileiro já teve nestes últimos anos: Maurinho e Escurião. Tinha um comandante de ataque, um Claudiomiro com um pouco mais de experiência, chamado Valdo, que era a terminal das jogadas ofensivas. Tudo isso como um homem de meio de campo, um homem obscuro, que trabalhava em função da equipe. Jogava um futebol chamado Pinheiro. Era uma equipe com uma determinação rigorosa de futebol. Mas na época não serviu de exemplo para o futebol carioca, que sempre foi um futebol de espetáculo....

COI — O futebol tem que ser espetáculo. O futebol é circo.

RUI — Absolutamente, o futebol não é circo. Nunca foi circo. E por isso que o carioca perdeu a vigência importante que tinha, porque o futebol paulista nunca foi circo. E São Paulo passou a dominar o futebol brasileiro. Quando é que o futebol carioca conseguiu aumentar a sua potencialidade? Quando ele se deu conta que deveria organizar boas equipes. E organizar boas equipes não era apenas facilitar o aplauso da torcida. E nesse aspecto que o "fascista" Iustrich é importante. Ele pode não se dar bem com a imprensa, mas a sua equipe tem cara de equipe, tem jeito de equipe, e joga futebol. Eu acho, por exemplo, que o trabalho de Pedro Figueiró no Barroso São José — e o Barroso São José, em toda a nossa discussão, é a única citação que vai merecer — é um belíssimo trabalho de organizador de equipe. Então veja bem: eu chamo o sr. Pedro Ario Figueiró de um treinador de futebol porque, independentemente da figura que ele possa representar, ele organizou uma equipe. Nisso se comprova que Pedro Ario Figueiró é um treinador provinciano apenas por uma razão: porque trabalha aqui.

COI — Para o espectador, o futebol tem que ser cinema, circo e teatro.

IBSEN — E esse o teu engano, Coi. A figura que interessa no futebol além dos que participam, dentro do campo, não é o espectador, é o torcedor. Porque essa é a conotação que distingue o futebol do espetáculo. O torcedor é um assistente que cora e sim espectador, nós arrijávamos resultados. Fariamos um acervo com o Grêmio, um campeonato para cada um, para não desgostar ninguém, um Grenal para cada um. Grenais de nove a nove — que beleza, se o negócio é gol. Mas o negócio não é gol, o negócio é ver a cavala do inimigo, relativa ao Santos, da maior importância: antigamente, disse o Mauro, se faziam gols. Agora se ganham pontos. O Santos de antigamente dava um espetáculo, e aguçava o espetáculo, sofrendo quatro gols fazia cinco, porque — isso é fundamental — o adversário permitia isso. O Mauro diz que agora o processo defensivo é muito mais rigoroso, não há mais essa liberdade. Então essa é a grande diferença. O espectador é um torcedor não comprometido, ele torce invariavelmente. O torcedor é o comprometido. O Internacional tem 50 mil sócios mas tem cinco mil torcedores. Quero dizer, torcedor fiel, que comparece sempre ao estádio, que acompanha a equipe. Com o Robertão, ampliou-se a área do espectador. E as mulheres vão ao estádio quando joga o Santos, porque o Pelé é verdadeiramente uma dádiva, e ninguém pode perder a oportunidade de ver jogar uma dádiva. IBSEN — o aniversário de Pelé levou mais gente ao Olímpico do que o jogo.

COI — E então? Era circo. ONOFRE — Nós temos que pensar em instâncias culturais. Assim como há diferença entre o espectador de circo e o torcedor de futebol, há diferença de torcedor de futebol para o público de comício.

COI — Comício? Onde? Onde?

ONOFRE — O espectador se caracteriza no circo, no teatro, no cinema. Ele não se caracteriza no futebol como não se caracteriza no comício. Quando tu queres ver, por exemplo, o Bráulio, ou o Calo, ou o Pelé aquele da mitologia, tu és um espectador de circo, realmente. Agora quando eu quero ver o Sérgio ali, alguém quer renda, eu quero ver o meu clube papir e de vozes. COI — Tu queres ver, no circo, o leão comer o domador! LUIZ FERNANDO — O problema recente do Internacional não desmente o que vocês vêm dizendo? A torcida optou pelo espetáculo e praticamente jogou fora o tricampeonato.

ONOFRE — A torcida do Internacional, que eu saiba, nunca se comportou diante de um treinador da maneira como se comportou com o Daltro. Ela sempre julgou a perda de pontos. Ela sempre aplaudia o Flávio quando ele resolvia um Inter-Cruz no último minuto depois que o toca-pra-cá, toca-pra-lá do professor Ribeiro não dava em nada, para conseguir os dois pontos. Agora, aconteceu o seguinte. O Internacional era uma equipe mal administrada. Com o Gigante, e com a equipe que surgiu, surgiu efetivamente uma liderança, mas uma liderança que se preocupou em arrumar a cozinha em primeiro lugar, fazendo com que a torcida a acompanhasse nessa arrumação. No momento em que eles dividiram a bola com a massa, não faltaram interesses os mais variados que assumiram uma liderança dessa massa amorfa, que não sabia o que pensar diante dos fatos. O Internacional não era o mesmo que era antes e ainda não era o que podia ser. No meio de tudo isso surge a subversão — os panfletos, etc. E a imprensa. Fundamentalmente a campanha que a imprensa moveu, no caso o Mendes Ribeiro e o Sérgio Jockyman, contra aquilo. Quer dizer, a massa foi por aquilo que de repente plisou mais forte. E não sendo com os homens que estavam preocupados em pôr ordem na cozinha e não em treinar a torcida, foi com os caras que estavam treinando a torcida através das palavras. O Jockyman e o Ribeiro. Foi a forma de liderança lateral que estes assumiram que deram a confiança para as cadeiras. Eu acho que não houve uma consciência da massa, uma manifestação espontânea contra o Daltro. Houve é um outro tipo de liderança, que jogou no vazio.

Foto Assis Hoffmann



CHAVEZ

SOU O SUPER-FOTO BICHO!
MEU CHÃO É NA CÂMBIAL...

LA NÓS TEMOS UM TREMENDO LABORATÓRIO ELETRÔNICO!

SUPER RÁPIDO!

SORTIMENTO COMPLETO DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS E CINEMATOGRAFICOS PARA AMADORES E PROFISSIONAIS...

BICHO! É O SERVIÇO MAIS RÁPIDO DA CIDADE, TEM ULTRA CÓPIA, TEM ULTRA COLOR!

SOMOS ESPECIALISTAS EM AMPLIAÇÕES...

OLHA É TANTA COISA QUE EU NEM ME LEMBRO.

VAI LÁ QUE TU VAI GOSTAR...

A cambial

RUA DO FLUMINESE, 240 - PORTO ALEGRE - RS - FONE: 24-64-88
PALAÇA 1 - RUA TRÓIAZ ADRI MACIO, 241 - FONE: 24-22-22

RUI: CIÊNCIA

Foto ASSIS HOFFMANN



RUI — Bom. O Internacional tem uma história. O internacional já teve manifestações de um grande futebol, em nível notável. Basta lembrar o "Rôlo Compressor". Foi o período romântico do futebol gaúcho. O Internacional facilmente chegou ao nível dos grandes jogadores porque o Grêmio, equivocadamente, vivia de um certo racismo. E a origem do grande jogador é a mais humilde, e no geral é entre os pratos que estão alguns dos principais jogadores deste país. De uma maneira muito simplificada, até grosseira, essa seria uma justificativa para que o Internacional chegasse a um "Rôlo Compressor", por exemplo, enquanto que o Grêmio não chegasse a um tipo de equipe com tanta realização dentro do campo e com tamanha colocação ao nível da torcida. No entanto, quando surge Oswaldo Rolla no Grêmio Portoalegrense, e esse é um fato histórico, o Grêmio se organiza em outras bases. Eliminados os defeitos radicais de sua equipe — a tentativa de equiparação ao Internacional na habilidade, no traquejo, na técnica — busca o sr. Oswaldo Rolla, por aprendizado que fez na Europa, sobretudo com a seleção búlgara, organizar uma equipe que fosse uma inversão completa dos valores existentes. Então surge um Grêmio tóxico, rudo, grosseiro, mas que vence no segundo tempo porque o adversário estava aos pedaços e o Grêmio estava inteiro. Depois essa equipe até chegou a um certo nível de refinamento. Esse período, que é muito longo, leva o Internacional a uma espécie de nostalgia. A nostalgia de Tesourinha, de Avila, de Nena, de Adãozinho, etc. Mas não encontra mais condições, por esta ou aquela razão, de acertar com esse nível de futebol, porque os tempos mudaram. O futebol agora exige muita organização, sobretudo muita planificação, e o Internacional não chegava nunca a isso. Se mutilava em mil preocupações paralelas e laterais, e não chegava aquilo que interessava. O Grêmio sim. Então os Eucaliptos passaram a significar para o Internacional um estágio determinado da sua história, e nostálgico, porque o clube não mais se reencontrava com os campeonatos, com os títulos, com a plena satisfação. O Internacional então se satisfazia em ser ainda hábil, em ser ainda técnico, embora não fosse capaz do título. A passagem dos Eucaliptos para o Gigante da Beira-Rio marca também uma modificação de critérios administrativos do clube. E essa modificação é sobretudo importante no setor do futebol. Ali se pretendeu, a partir de uma experiência gorada, que foi a passagem de Oswaldo Rolla pelo Internacional em 1968, uma experiência determinada. Então se procurou fazer como que uma espécie de síntese. Um futebol que tivesse, dos valores do sr. Oswaldo Rolla, pertinentes quem sabe a uma década anterior, valores não permanentes mas possíveis para um trabalho também possível. Então o Internacional começa a marcar a sua ascendência nesse nível por algumas decisões que eu entendo muito importantes. Pentes passa a ser titular e não Luís Carlos.

Surge um ponteiro, ao contrário dos tantos supostos sócios de Tesourinha que foram tentados, um ponteiro que de Tesourinha não tem absolutamente nada. Chamava-se Valdomiro, era um homem humilde, de futebol de força, sem nenhuma habilidade. Era o surgimento dos novos tempos. De repente, para casar com um homem de frente forte, decidido, chamado Claudomiro, que também encontrava grande resistência por parte da torcida; porque não personificava nenhum dos jogadores que naquela posição haviam passado pelo Internacional antigo, surgiu um outro jogador chamado Sérgio, que tinha virtudes do velho Internacional com algumas outras virtudes do Internacional possível — que era o Internacional de alguma energia, de alguma força, alguma decisão. Então se pode observar gradativas mudanças de critério. E isso val levar a uma conquista. Porque o Grêmio teve em Oswaldo Rolla a vigência de um futebol, mas não soube como levá-la adiante. Não soube suplantá-la com uma experiência nova, mais ampla, mais atual. Ficou ainda nos estágios que tinha deixado Oswaldo Rolla. E o Internacional venceu o primeiro campeonato. A torcida acalorou aquilo como um fato, mas não como algo que ela realmente prezasse. Não era a equipe que ela gostaria de ver em campo. Mas ela tinha vencido. E então eu penso que houve um erro de parte da direção do Internacional. Ou, mais precisamente, do seu Departamento de Futebol. Se pretendeu fazer as coisas com muita rapidez. É uma expressão do próprio Ibsen: o Valdomiro deveria ser enfiado pelo goleiro do torcedor, como uma coisa absolutamente indigesta, mas necessária. Mas, de repente, me parece que isso foi transformado num critério genérico de trabalho, quando quem sabe se pudesse, não digo fazer concessões, mas protelar convicções. E o Internacional possível teria ganho algum tempo. E o torcedor poderia chegar mais facilmente a um tipo de compreensão do que estava acontecendo. Eu tenho quase certeza que o torcedor ainda não sabe bem o que aconteceu. Ele ainda sonha com alguma coisa que ele não sabe bem o que é. Então: Bráulio. Foi o Daltro, quem disse isso num dos tantos programas em que participou, tão pronto saiu do Internacional: Bráulio era o último remanes-

cente dos veios Eucaliptos. Então Bráulio passou a ser de parte de setores da imprensa e da torcida uma questão que interessava e eles porque parecia a eles que as coisas estavam se apressando demasiadamente e o Bráulio ficava de fora disso. E o Bráulio significava seguramente a história ainda vigente do Internacional. Então eu penso que aí começaram a ocorrer alguns erros de política administrativa que levaram ao conflito com setores cada vez mais crescentes da torcida e da imprensa em relação ao trabalho que se fazia. O Departamento de Futebol virou as costas à torcida e tratou de dirigir o futebol da maneira pragmática, indispensável, como ele deve ser dirigido. Mas virou de tal sorte as costas à torcida que a torcida viu que eles estavam de costas viradas. Isso foi uma afronta, e Bráulio foi o pretexto para que essa afronta pudesse tomar um aspecto mais determinado. E aí o Internacional se depara com a sua dificuldade maior. O Internacional não sabe bem para onde vai, presenteente, nem onde ficou. Não sabe bem o que aconteceu nesse tempo, só sabe que ganhou dois campeonatos. Mas acredita, a maioria, que não foi tanto o Internacional que venceu os cam-

peonatos mas foi o Grêmio, que os perdeu. O que é um erro. Sempre há um mais fraco em relação a um mais forte. E no entanto, isso é, para o torcedor, um fato inquestionável. Tanto prova que agora o Grêmio, pretendendo ganhar um campeonato, já venceu um Grenal.

ONOFFRE — Eu não sei até que ponto o Internacional é o melhor exemplo do futebol gaúcho, atualmente.

COI — Segundo o Rui, o melhor exemplo do futebol gaúcho atualmente é o zequinha. O Grêmio não existe.

ONOFFRE — O Grêmio é uma proposta. O Internacional já era.

RUI — O Grêmio é uma equipe vitoriosa. E as pessoas, no geral, exaltam os vitoriosos. Mas o Grêmio está presenteente sendo vitorioso. O Grêmio perdeu dois campeonatos. É diferente.

COI — O Grêmio tem estrutura. O Grêmio nunca teve um Daltro Menezes.

ONOFFRE — Mas tem um Fernando Kroeff.

COI — Eu sou um espectador. Eu prefiro que o Grêmio ganhe sempre. Assim como no jogo eu prefiro que o leão coma o domador.

ONOFFRE — Eu acho que essa ambição de canibal que está dominando a cultura brasileira é uma ambição de ser comido, no fim.

RUI — O fato me parece ser o seguinte. Toda a comunicação, e este debate é uma tentativa de comunicação, se colocou ao nível de uma compreensão. E a compreensão também apresenta seus níveis. Por exemplo eu tenho uma compreensão de futebol por força de um comprometimento que eu tenho com ele. A gente procura se aproximar das coisas como elas acontecem e isto é muito diferente daquilo que se vê no estádio, apenas. Então eu

acho que esta comunicação, esta compreensão de fenômeno de futebol, val oferecer um debate em níveis muito diversificados. E eu penso sempre no leitor, que pode ficar numa barafunda danada, sem saber que ponta pegar, porque só há pontas. Eu estou dando um recado, que é meu melhor. O Ibsen dá o seu, que é do seu ex-metier. O Onoffre tenta pensar a estrutura toda, tenta ver a sua tifeição a um clube de uma forma crítica. O Coi vê espetáculo. É verdade que é o mesmo fenômeno. Mas a repercussão desses fenômenos se dá numa estratificação muito diferenciada. E é isso que sempre me preocupou muito. Eu sempre procurei falar de futebol numa tentativa de elevá-lo a condição de uma forma razoável, pensável, quem sabe até lógica, sem nenhum prejuízo da magia que também tem no futebol. E esta tentativa nem sempre é perfeitamente aceita, é claro. Há no futebol enquistamentos que permitem às pessoas pensarem sempre as mesmas coisas, numa repetição mágica. Por exemplo: a idéia de treino coletivo. Sem dúvida nenhuma, é um enquistamento. E como se se pudesse reproduzir na falxa de treinamento aquilo que acontece ao nível da partida. Então pela repetição mágica as coisas começariam a acontecer. Isso não é verdade. Eu acho uma esplêndida idéia a gente fazer este tipo de discussão. Esplêndida porque ela val apresentar aspectos os mais diferenciados. Mas é difícil para um sujeito que nem eu partilhar deste debate porque as coisas que eu tenho que defender, as coisas nas quais eu acredito, são colocadas como que no nível de arquivado. Uma discussão ampla e genérica. O que é saudável, sem dúvida. Mas o leitor, por exemplo. Como é que ele se estrutura em relação ao espetáculo. Como é que ele vê a coisa? Como é que ele é orientado para isso? Isso é que é a grande questão.

DOSSON

CALÇAS FEITAS NA HORA

ENTRE NAS CALÇAS

Jim's

GAL. MALCON loja 6

CENTRO COMERCIAL, Av. J. Pessoa 1831-loja 215

M O

MARIA JOSÉ CARDOSO começou como candidata a miss Pepsi Cola. Daí ao Miss Brasil, um pulo. Casou mas não levou. Milho picado prá ela.

MARIA DELLA COSTA preferimos a Fernanda Montenegro (vide F)

MARCOS «fúria» FAERMANN, o inventor do Programinha. Está no Jornal da Tarde mas vai sair para dirigir a sucursal do Pato Macho em São Paulo.

MARIA HELENA MARTINS badalou até cansar. Hoje descansa em Paris.

MIGUEL PEREIRA mestre de arquitetura, desfilando sua vaidade em Brasília.

MAISE ARANHA saiu da Vila Velha para as novelas da Record.

MARCOS NORONHA decorou a Paraphernália (vide R) e se mandou para fazer transas em Rio e São Paulo. Teve sucesso.

MARCO AURÉLIO CANDELOT foi o terror das reuniões dançantes da medicina, ainda teiga, no Rio, a carreira diplomática.

OSVALDO ARANHA saiu daqui com Getúlio Vargas (vide G) em 1930 e virou avenida no Bom-Fim

ORECO precisou sair para ser campeão do mundo em 1958. Aqui seria reserva do Edson Madureira.

ODUVALDO COZZI parente do Judeu Westphalen e locutor de sucesso na antiga Rádio Nacional.

P

PEREIRO é um dos «Rapazes da Banda». Escapou de apanhar na Roda Viva porque no momento encontrava-se bêbado com o Col num buteco da Protásio Alves.

PINGO, irmão de Peráio. Dramaturgo inédito e astro principal em Hair, é o único que não fica nú. Agora vai ser Judas em Jeus Cris-tos.



PAULO JOSÉ abandonou a arquitetura porque só gostava de se projetar, Reabilitado pela Dina Sfat, que não se arrepende.

Foi Grande Otelô em Macunaíma.

PINHEIRO MACHADO era macho paca. Acabou assassinado.

PADRE REUS virou Santo depois que se foi. No ano passado jogou no Grêmio.

PRIMO E SEU CONJUNTO estiveram curtindo o México para poderem radicar-se em Criciúma.



Foto Zero Hora

R

ROBERTO SZIDON quando descobriu que aqui só era ouvido pela Eni Camargo foi ser recital no Velho Mundo.

RAUL MARQUES está nos Sates. Aqui foi sócio-gerente da Paraphernália. (Vide M) Hoje proprietário de um cúpula geodésica na Califórnia.

REGINA SILVEIRA nossa única artista trocou de pôrto. Preferiu o rico, ao alegre.

RUTH MEZZECK quando o Paulo Odone casou foi ser atriz no Rio, desiludida.

ROBERTO MAISONAVE financista «fracassado» na província agora vende seus papéis na Guanabara, e como vende!

RONILDO GOLDMEIR, parente da Metro e sobrinho do primeiro ministro de Israel. Amigo de Getúlio Picada arruma malas do Rio para Nova Iorque.

RUI CARIOCA, ver o próximo.

RENATO ENDRES nosso fotógrafo em Londres. Abandonou a Zero Hora em boa hora. Pretende arrumar um emprêgo no Banco do Brasil em Londres. Seu pistolão: o Rui Carioca.



AO ESTILO DOS IMPRESSOS BLOCH
A RELAÇÃO DOS QUE SE MANDARAM
EM TEMPO

ENCICLOPÉDIA



NEGA YARA VICTORIA colega de Jardim de infância de Roberto Acalanto, na Guanabara.

NESTOR JOST, conhecido banqueiro. Não cai do muro desde 1956.

NELSON RODRIGUES, não confundir com o calhordo. Aftanou a metade da nova imagem do Rio Grande, levando-o pra São Paulo.

NELSON GONÇALVES agresso do Trio Maravilhoso de Santana do Livramento. Com Gaspar Martins, de parcelas compôs os melis 135 sambas-tangos do cancionero pop gaúcho.

NARINHA DO ERASMO casada com o coqueiro verde. Subiu de vida, a moçoila.

NEGRINHO DO PASTOREIRO depois que viu o Bai Tatata se mandou. A concorrência era muito grande. Hoje chama-se Sôci Perê e trabalha com o Ziraldo e o horrível Pasquim.

rádio continental 1120 khz o som nosso de cada dia



Aracata

FINALMENTE! O 3º E ÚLTIMO
CAPÍTULO DA EMOCIONANTE NOVELA

irmãos bobagem

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:
RUI E HEITOR BOBAGEM, ACERTARAM UM
DUÉLIO PARA O MEIO DIA, MAS ANTES FO-
RAM NO FERNANDINHO'S. AI O TERRÍVEL
DUÉLIO SAIU MAIS CÉDO, NO CALOR DA
LUTA, BERETA BOBAGEM, MÃE DOS DIOS
CUJOS ACIMA, ENTROU NO BARULHO.

AI, FERNANDINHO TEVE UM
CHILIQUE COM A ENTRADA DO
BRÁULIO BOBAGEM, QUE VEIO
AFIM DE PASSAR NAS ARMAS
O RUI. SE VOGÊ NÃO LEU,
PACIÊNCIA. O ÚLTIMO NÚME-
RO TAMBÉM ESGOTOU!



SURGE O PACIFI-
CADOR!

NINGUÉM VAI
MATAR NINGUÉM.
ORDENS DO
CORONEL.

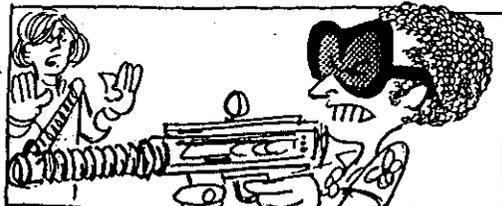
LARGUEM AS ARMAS!



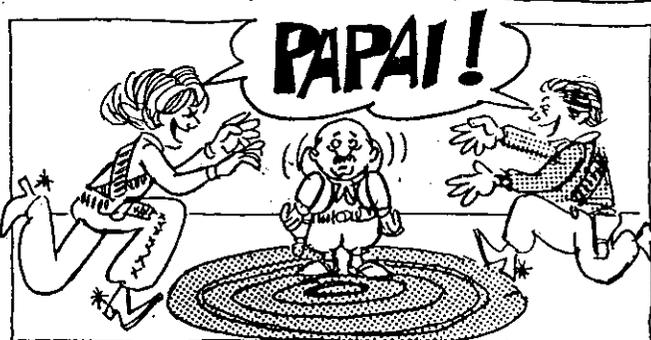
A FAMÍLIA
BOBAGEM
OBEDECE.
ELES MANDAM
EM INDEPEN-
DÊNCIA, MAS
O CORONEL
DANTE BARROS
MANDA
NELES.
E ALEM
DISSO...



JUCA GASPAR ESTA' COM A RAZÃO.



ENQUANTO ISSO, O CORONEL
BARROS
ESTA' CHEGAN-
DO NO VILA-
REJO DE
INDEPENDÊNCIA.



BRÁULIO RESOLVE PROVAR SEU
VALOR.

FERNANDINHO É REANIMADO
COM ÁGUA DE CHEIRO. MAS
É TARDE DEMAIS...



ISTO VEM DA ALMA? **VAMOS!**
VAMOS!
VAMOS!

DÊ NUTA E' UM CARA MODERIGUEL

É LE BOM CEBETO!

NÃO OUSADO ENTENDER

A HUMANIDADE COM PASSOS DE CONQUISTA: DEBROTAS E VITÓRIAS

DIGAMOS QUE SIM!

É A PALAVRA DE ORDEM! FÓRÇA!

NO MOMENTO EM QUE HÁ A CONQUISTA POR UMA DEBROTA, DEVEMOS PAZAR?

DIGAMOS QUE NÃO

... HMM?

DÊGA! NEU PEISANEU TO SAMPRE ESTRACA AQUI!

DIGAMOS QUE SIM

DÊ NUTA QUE PORA É ESSA?

LÁ SEI EU TÁ UMA BAGUNÇA BOSSA NOVELA

SABU!

TA' NAOAR! NAOAR! NAOAR!

dezenove

patota

MY SWEET LORD
OH MY LORD

BOSTA! ISTO AQUI TÁ MI AFFILIANDO!

ACHO QUI PINOTIAREI DEFINITUNNA TE DOS PAGOS DO SUL...

... AFINAL, QUEM É TU TINHA QUI COMER, JÁ CO...

ACHO QESTA HISTÓRIA NÃO TÁ BEM CONTADA

SERA QUE ESTOU CRIANDO RAIZES?...

SILÊNCIO..

AO FRENDO UM LONGUICO PUNCO DE 400 CILINDROS DAS...

SILÊNCIO

BEM AO FUNDO, GASTOS FLOPPIANS

SILÊNCIO

DESANIMADO, DESANIMADO... DOR...

MAGRÃO, MAGRÃO, FACAMOS ALGUMA COISA URGENTE URGENTE, URGENTE...

NÃO SOBRARA UM 50 RATO NO TOMBADILHO

BEP PRADO

PIRATA



O MANO DA MANA

PRIMEIRO FOI CARCARÁ, ELA SUBSTITUIU NARA, SUPEROU OS JOELHOS, CANTOU MAIS LONGE. DEPOIS O SHOW NA BOATE BARROCO, EM SÃO PAULO, O DISCO QUE ESTOUROU TUDO QUE FOI BOCA, BRABA E MANSA. MARGINALIA II, O QUE TINHA DE SER, CAFONA, BULHUFAS... MOLAMBO, O BUTIKIN, LEINA KRESPI, O MANO CAETANO. A IRMÃ IRENE.

E AGORA / COM VOCÊS / INTEIRINHA / AO VIVO / SEM MILONGAS:

MARIA BETHANIA. ORA, É CLARO, HOJE, NO BUTIKIN, AMANHÃ, DEPOIS E SEMPRE.

RESERVE SUA VEZ PARA OUVIR E VER O IRMÃO DO CAETANO. SÓ UMA COISA MAIS: TOMARA QUE NO DIA QUE VOCÊ ESCOLHER NÃO PINTE URBANO GARCIA, VELHO MAGAD JANELAS ABERTAS PRA VER JESUS CRISTO E O MANO. ROSA DOS VENTOS É DO CHICO BUARQUE.

EXPLICAÇÃO

LEVITÁ

VOCÊ TEM CARA DO QUE, PAPA?

triste



CINEMA

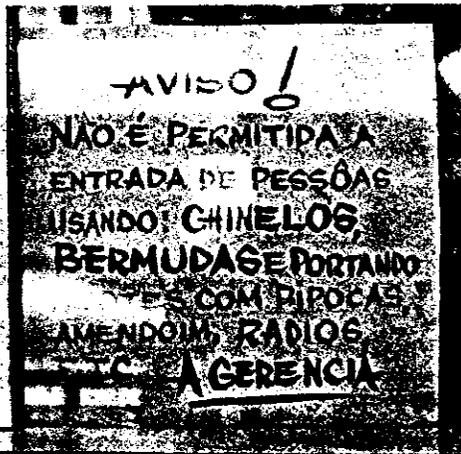
- Vou pro Alaska.
- ???
- Lá tudo é branco, limpo. Vi numa fotografia.
- Mas isso foi antes da enchente.
- Aqui só fabricam sujeira. Coca-Cola, garrafas de uisque...
- !!!
- Você não é das mais limpas.
- Mas eu tomo banho todos os dias.

N.R. — Ai fez-se silêncio. O carro corria, misturando paisagem, estrada, gasolina. Easy Rider, sem Peter Fonda, sem Dennis Hopper, com Jack Nicholson, desta vez bebendo cerveja, não uisque.

— Quanta imundície eu já vi em toda a minha vida. Mas imundície não é nada. O pior é a sujeira.

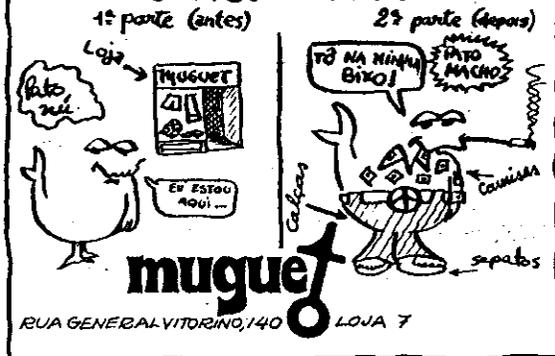
N.R. — No fim o mocinho sobe num caminhão carregado de troncos, enormes. A «ficha técnica»: cinema Vogue «cada um vive como quer», com Jack Nicholson; Melhor filme do ano — para os críticos de Nova Iorque, melhor direção (Bob Fafelson), melhor atriz coadjuvante — a cafonérrima (no papel) — Karen Black. Não se assistem com a fotografia estilo Sioma, os belos pôr-de-sóis fazem parte do esquema montado pelo diretor. Para uma estória cafona, fotografia cafona em final... bem... cada um vê como quer. Ah! o diretor de fotografia é simplesmente Lazlo Kovacs! (colôpes de Almeida)

OPINIÃO



PÓRTO ALEGRE, ABRIL DE 1971, SÉCULO XX, UM ANTES DO XXI. CINE CORAL, RUA 24 DE OUTUBRO, NA FRENTE DO EX-HIPÓDROMO. HOJE TOBOGÁ. ESSA É UMA DAS RAZÕES PARA QUE VOCÊ ENTRE NA JOGADA DO SIMANDOL. VÁ EM FRENTE ENQUANTO É TEMPO. A PROVINCIA TEM DISSO TAMBÉM... (FOTO CLAUDIO FERLAUTO)

SORRISO DE UM PATO



SHOW DA SAUNA

Quem ainda não foi suar na Casa da Sauna, Protásio Alves, junto ao Ginásio Israelita, está perdendo um dos espetáculos mais excitantes desde que Viviane Romance enrolou a bandeira: o cronista Paulo Raimundo Gasparotto, peladinho, peladinho, em pleno calor. O espetáculo começa quando você chega, todas as sextas-feiras, depois das 17 horas. Alinha mais agora, quando ele está tirando a celulite.

Burrice anda sóta pela província e isto nunca foi segredo. Bem no domingo pela Piratini, uma fujra insistia em anunciar o filme Corcunda de Notre Dame de Alexandre Dumas e afiançava: uma obra-prima. Do jeito que as coisas vão o pobre Vitor Hugo que se cuide. Com determinada gente produzindo televisão, nem ele está livre de ver seu nome vinculado a uma obra qualquer. Por exemplo a novela Meu Pé de Laranja Lima. É um saco. Melhor fechar de uma vez.

RENATO DARRIGO

BI-CHA!
BI-CHA!
BI-CHA!

RRRRRR

VANGUARDA

Se há uma vanguarda gaúcha ele se divide assim: uns que trabalham e produzem algumas idéias; e a maioria que sonha em alimandol prá's europas, mesmo que seja para lavar pratos. Descascar batata já serve prá muita gente: éstas são os mais prá frentes, mais livres e independentes, mas absolutamente inúteis. Os vanguardeiros.

BOATE

Luz negra pra assustar gente chata. No Tigre você encontra bebidas nobres e non tropo, salgadinhos, e o horro-queente, gente fina. A música é um sarro; do arco-íris, diria o Bierboy. Na Avenida Guaíba, 356. Não tem covert artístico porque não tem artistas, não tem consumação porque não é Butikin.



JOAQUIM FONSECA

R

LEVITAN

Com novo elenco «Hair» vai sair pelo Brasil. Altair Lima, o produtor e ator do musical hippie espera poder estar em Porto Alegre antes do frio. (Também, ficar nu a menos de 5 graus não é mole, pelo menos enquanto o seu Miguel Joffe estiver curtindo essa de pão duro, não botando ar quente e frio no Leopoldina). Enquanto «Hair» excursiona, faturando à custa dos provincianos do patrio — que são obrigados a chegar sempre com um ano (no mínimo) de atraso —, os paulistas estarão assistindo, pela primeira vez no mundo (é isso mesmo), à peça «Jesus Cristo Superstar», somente apresentada em sessão especial na Catedral de São Paulo, em Londres. Nos Estados Unidos este musical começa em agosto. Na Europa, ainda nem foi programado. Um esclarecimento: Jesus Cristo vai ser Armando Bogus, já parecidinho, como Pardal, em «A Próxima... não sei o quê». Simultaneamente, no teatro «Aquarius», em São Paulo, Ademar Guerra ensaia «Jesus Cristo» e «Hair». COI LOPES DE ALMEIDA

flagrante

O Restaurante D. Maria não tem nenhum pejo em revelar: «O camarão que se come aqui é absolutamente fresco». Não se conhece a resposta do camarão. (Carlos Nobre)



- O visque nacional do Encouraçado Butikin
- As mulheres gúchias que cheiram tôdas a van-ess
- A Rádio Itai
- As li-qui-da-ções de Marisa
- As calças mal feitas do Paulo Nardin
- Teatro Leopoldina, e suas temporadas artísticas
- O Aldo Obino
- Concêrtos da Eni Camargo
- As calcinhas que parecem por baixo do xiripá do Loçador
- Churrasco no domingo
- Churrasco
- Mural do Vasco Prado para a veaduto das sinalleiras
- Tunel da Conceição
- Daltro
- Os 12 cantistas
- Dante Barone e seu amor ao teatro
- Helena Aranha
- O footing da Rua da Praia
- Os clubes de cinema
- As Organizações Marion; Caverno Harem e Las Piedras
- O fotógrafo do Boi na Brasa
- A ausência constante de brisa do mar, biquinis e sol
- Sérgio Sgrillo
- Nazaré, sua cafonice e sua glória
- Clube dos Cozinheiros
- Tertúlias poéticas da D. Maria
- A erudição do Rui Cirne Lima
- Faculdade de Arquitetura e sua vanguarda
- Bond'eu
- Bombacha Futura 71
- Lojas Guaspari
- O vinho da colônia, galinha, e macorrão sempre aos domingos
- D. Vicente Scherer
- Os imensos cafés coloniais
- O Bor Demétrius e o El Morisco
- Coillon Club
- Família Alvaro, Jane e Jane
- Helena
- A TV Underground, canal 5, de PA
- O Carnaval da Borges, saudoso, insôso, mumificado.
- Associação Leopoldina Juvenil
- Saídas do Bom Conselho
- A Livraria Paulinas
- Flávio Alcaraz Gomes
- Os quindins do Pepê
- Missa dos 11 na Sta Terezinha
- Casamentos no São José

Sabe, aquela coisinha que ninguém fala, de vergonha ou de sacanagem. Mas que todo mundo val, consume, com fome, de radinho no banheiro, ouve, entre as necessidades. Gente tem que diz: eu? nuncal Ou: não tenho tempo, é só por isso, entendeu? Mas eu tô nesta. É isto que se chama o sucesso, de momento ou o eterno brandir espadas em defesa da idéia fixa/certa de todos os tempos. Existe? Pois eu acho que é: o restaurante chinês, aquele ali da Protásio, o Pagoda. Prá mim, um sucesso, o melhor restaurante da cidade. E sabe porque? 1. O serviço é rápido e seguro; 2. as gentilezas são orientais: se você faz uma brincadeira ou diz uma piada é capaz das moças não entenderem (ou será que entendem?); 3. o preço é acessível a qualquer garotão que queira impressionar as moçoilas levando-as a jantar (coisa fina na provincia), e cabe no orçamento de qualquer classe média ou aristocrata fadido (coisa comum na provincia); 4. a comida é boa; 5. deixe seus preconceitos orientais em casa: pelo menos na comida não seja um reacionário, se não val comer a vida inteira na casa da sogra; SEXTO: a comida tem nome diferente, mas peixe é peixe, carne é carne, e é tudo muito bonito. Experimente. ODETE GALVÃO.



UISQUE

Infelizmente o tal do uisque é muito mal bebido por aqui. São poucos os locais onde se encontra a nobre bebida escocesa. Mesmo nas boates de gente fina como Baroco, Lajes e Butikin é um perlo arriscar o fígado num scotch. Por exemplo, no Buteco Jela Passport; no Barrôco, Chivas e no Lajes o negócio tem que ser Drury's, mesmo. Não tome Grant's, Ballantines ou White Horse, estes geralmente são falsificados, em qualquer lugar.

TRAPSA

HARRY SABUGOSA

ENTREI NO RESTAURANTE E O GARÇOM, BEBADO, DEU O RECADO. — SABUGA, PEDE HOJE CLARETE QUINADO TRUTA DO RIO QUE EU GANHO UM CABRAL POR RÔLHA NÃO GOSTEI DA RECEPÇÃO.

SE HÁ COISA TÃO IRRITANTE QUANTO GARÇOM ESNOBE É ENCONTRAR OS QUE TOMAM INTIMIDADES, PUXAM PELA MANGA, PEDEM DINHEIRO EMPRESTADO, FILLAM CIGARROS, ETC. E AINDA MAIS BEBADOS.

ASSUMI A POSTURA FLEUMÁTICA QUE A SITUAÇÃO EXIGIA E PEDEI:

— O CARDÁPIO, POR FAVOR.
— SABUGA, TU NÃO TÁ ME ENTENDENDO. TOMA CLARETE QUINADO, MEU CHAPA. O TEU FAIXA AQUI RECEBE UM CRUZEIRO PELA...
VAMOS ENCERRAR POR AQUI O CONSTRANGEDOR EPISÓDIO.

The Cork War (a guerra das rólhas)

Não obstante, em que pese o que teve de insólito e boçal, o incidente revelou-me um dado intrigante que me fez pensar: isto é tarefa para H.S. — repórter! Será verdade essa história de ganhar um cruzeiro por rólha, como bebado do Trapa Leão, um garçom razoável quando sóbrio, tentava me dizer?

Chamei meus rateiros e pedi que investigassem. Voltaram, saltitantes e abanando a cauda.

— Trapa Leão was drunk but also right! (Esqueci-me de dizer que os meus dachshunds só falam inglês, com sotaque alemão). Ocorre que (estou traduzindo, bitte) grandes Industriais vinho e outras cantinas de vinho e outras cantinas menos votadas estão pa-

gando a cada garçom um cruzeiro por rólha de garafa servida, bastando que ele as leve nos lugares indicados pelas companhias. Como pela rólha se identifica a marca, there's no problem at all

— Santo Remolado — exclamei. — E que mais, Batman?

— The Cork War (A Guerra das Rólhas), como vem sendo chamada nos círculos vitivinícolas de Caxias e Bento, está assumindo proporções dantescas, pois a cada passo aumenta o número de litigantes, aliciando mais garçons e expandindo o território das operações.

— Próspero sacarroilha — murmurei.

E tem mais. Os garçons ficaram muito doidos com tal promoção. Dois dêles foram despedidos com justa causa por se terem engalfinhado durante o serviço, lutando por duas rólhas de vinho que rolavam no chão.

— Vinho, pombal Rólha que voo... — cantarolei.

— Outro foi à adega do estabelecimento e sacou 1.300 rólhas de vinhos estocados, fugindo para Alvorada após receber o prêmio. Outra noite, em um restaurante do centro, vários clientes queixavam-se porque os garçons traziam vinhos de outras marcas que não as pedidas.

— Incrível! E os proprietários não estão alarmados?

— Bem. Há uma crença generalizada que o negócio das rólhas vai levá-los ao caos, porém muitos donos de bares e restaurantes estão começando a tirar proveito da situação.

— Obrigando os empregados a entregar a rólha para eles?

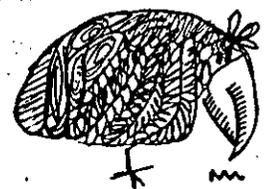
— Não, Robin. Instruindo sua clientela para em vez de dar gorjeta entregar a rólha ao garçom.

NAO PENSE MAIS...

As melhores chances estão na INVESTSUL

corretora de títulos e valores mobiliários Ltda.

RUA ANDRADE NEVES, 155 - SOBRE LOJA - LOJA B
FONES: 25-42-30 - 25-42-31 - 25-42-40 - PORTO ALEGRE-RS.



BUTIQUE

Na Bip-Bip você vai encontrar gente hiper-bacana como a Bárbara, a Anete, a Jussara e o Guga Stumpf, no meio de novidades made in Rio. All no Shopping Center, 24 de Outubro.



vinte e um



ELAS NÃO DEIXARAM
O PATO ASSAR.

Na última terça-feira, quando tudo corria normalmente na nossa sede comercial, PATO MACHO já estava nas bancas, vendendo bem, eis que surge -aquela- fumaceira, invadindo nossos aposentos. Lembrei meu indefectível avô, que dizia sempre: Onde há fumaça, há fogo. Por um minuto lembrei várias coisas. Esquadrilha da fumaça, ataque terrorista, Juca Gaspar nas bocas ou queima daquelas arvas santas pra agradecer exu de encruzilhada. Mas acontece que o negócio era papo firme, era fogo mesmo. O Pato corria o risco de ser assado ingloriamente, para tristeza de muitos e a alegria de uns poucos. Imediatamente a valorosa guarnição dos bombeiros foi chamada. Mal tinha colocado o fôlego no gancho e a José Bonifácio (sede do Pato) era invadida pelas sirenes salvadoras. Nunca vi tanta presteza e tanta rapidez. Os prestativos soldados do fogo, usando técnica e coragem, evitaram que o Rio Grande perdesse seu maior cervo. O Pato estava salvo. Não chegou a queimar nem as delicadas penugens do rabo, tudo intacto. O Pato erguia-se da fumaça para continuar a batalha. — Em nome de Tatata Pimentel os agradecimentos aos sargentos José Carlos da Silva, Oliveira e Walderado Amorim, o Cabo Jordão e os soldados Silva, Cidade, Silveira, Heleno, Santos, Zoupa, Raul, Dollrio, Bandeira, Bento, Noronha, Arilton, Rocha e Nedir. Todos bravos componentes das viaturas nºs 441 e 179, que atenderam a ocorrência. Muito obrigado gente, por terem salvo o nosso co-reto. Vocês não deixaram o Pato assar. (TODO MUNDO)

prate e dots.



JOAQUIM FONSECA

PATOMACHO FOTOGRAFA



Foto Assis Hoffmann



Foto Luis Carlos Felizardo

LEVITÁ

DEZ ANOS



FAZ TÃO POUCO
TEMPO QUE SAÍ
DESTA CABADE.
só dez anos



DEZ ANOS



dez ano

DEZ ANO

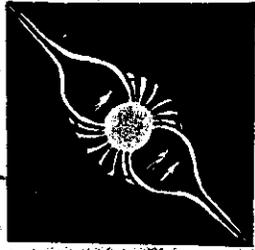


A luz me envolvia totalmente. Nada mais lá fora, se é que havia lá fora. Os últimos contornos do carro desapareceram. Restava apenas eu. Sem apoio. Flutuando. Minhas mãos! O corpo todo! Transparente. Como uma bolha de sabão.

A superfície se movimentando trisada, convergindo em redemoinhos coloridos. Tudo uma torrente de energia. Eu sentia uma vitalidade fora do comum. Alegre. Será que morri? Procurei-me movimentar. Dava. Percebi que estava dentro de uma esfera. Era agradável flutuar sem esforço. Quando percebi a esfera, ela se recolheu, permeável e diáfana. Não! Era eu que saía.

Diante de mim três seres de constituição idêntica à minha. Mas emitiam mais luz. Muita luz. Tive que me acostumar. Despreocupadamente, eu entendia cada vez menos. Procurei ver onde estava. Um espaço confinado por duas superfícies curvas, como um sanduíche. E a esfera ao centro. As bordas deixavam passar a luz que se formava nelas. A cor da luz correspondia à emitida pela esfera. Os seres me contemplavam com afeto e, pensei, profunda compreensão. Aguardavam-me aproximar. Então divisei as fisionomias. Ele!

Ao despir-me alguns minutos atrás dissera que nos encontraríamos breve. Ninguém sabia muito sobre ele. Dizia-se estrangeiro. Conheci-o por intermédio de amigos. Costumávamos bater longos papos como os de há pouco. Mas o que fazia ele aqui? Onde? E eu? Eles continuavam aguardando. Não, não aguardando. Fomentavam meus pensamentos, sentia agora. Fiquei na expectativa do próximo raciocínio aguardando por meu lado. Tentei deixar a mente aberta, simplesmente isso. Sempre me parecera muito difícil. Mas ali não. Talvez devido às minhas novas condições físicas. A esfera parecia nos arrastar, apesar de tudo permanecer tranquilo. Mudava de cor de vez em quando. Um deles parecia ocupar-se com ela apenas. Estava do lado oposto. Levitávamos todos segundo um mesmo plano longitudinal do conjunto. Uma espécie de tensão, tanto inferior como superior nos forçava a ocupar a parte central.

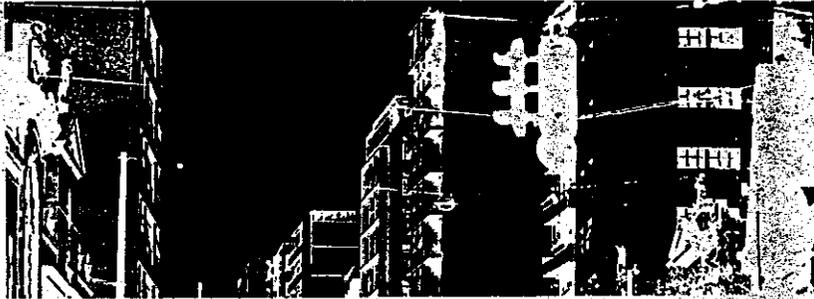


O espaço assemelhava-se a uma câmara de pneu. A esfera encaixando no centro emitindo um campo de luz densa para cima e para baixo, formando a proteção.

Recebi a primeira síntese de pensamento com uma intensidade incrível. Em poucos segundos estava consciente da situação:

dos quatro seres presentes, conhecia apenas a ele. Como humano chamava-se Frederic. — Aqui não tinha nome. Era, simplesmente. Sua identidade seu ser. Sentia-se a identidade de cada um.

Agora estávamos a várias dimensões acima da humana. Quantas, impossível dizer. Cada mente determina uma dimensão. As dimensões são frutos da mente. A transposição que sofri foi forçada.



KYWXXZZZ. . . q1

OU O ENCONTRO NA SINALEIRA

A medida que recebia os pensamentos deles, percebi que a humanidade não estava toda na mesma faixa dimensional. Alguns acima, a maioria abaixo da média. Estes considerados normais, os medianos como gênios ou loucos e os acima já imperceptíveis à memória. São os sobre-humanos. As quatro dimensões corretamente conhecidas não são dimensão nenhuma, na realidade. São meros efeitos de ordem secundária da realidade. Mas isto

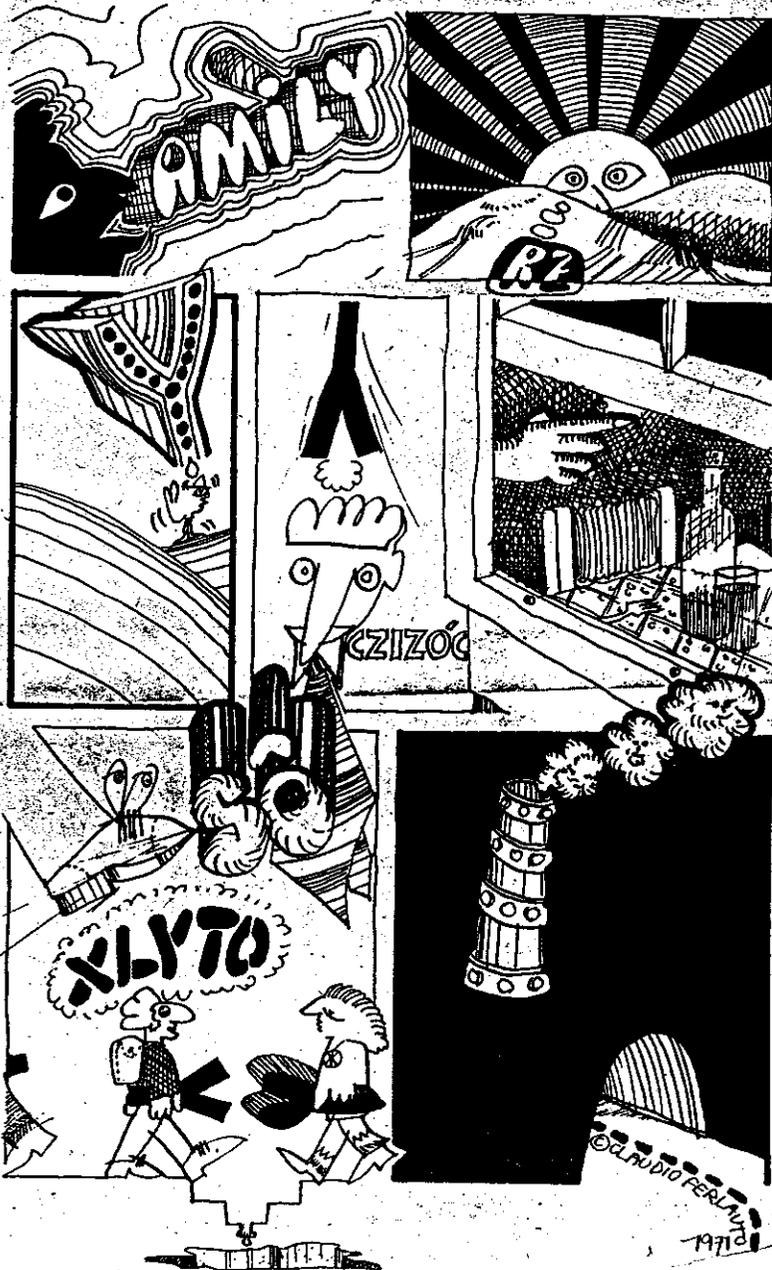
só pode ser compreendido quando visto de um plano superior. Como eu estava vendo. Nós estávamos para o mundo humano assim como o humano está para o mineral. Para manter contato entre mundos tão diferenciados, um artifício: a esfera formada de substância mediúmica no mais alto grau de pureza. A grosso modo, um transformado comandado pela mente. Eles, o que misteriosamente chamamos de espiritos. A esfera lhes permitia a

fixação nos vários níveis dos mundos paralelos.

Conforme o nível, varia a aura de proteção emitida por ela. Em forma de cor. Assim como a condição em que me encontrava não era o meu normal, não o era também para eles. Originavam-se de um plano outro tanto mais alto. Frederic foi o elemento materializado através da esfera para observar o nível humano e agir sobre a sua evolução. Poderia

ter iniciado a partir do nascimento de um humano; como outros o fizeram no passado. Mas as transformações rápidas de hoje tornavam esse sistema ineficaz. Por outro lado, a origem das pessoas não têm mais a mesma importância de alguns séculos atrás.

Sua missão, a de definir pessoas aptas a participar de alguns dos conhecimentos que possuía. Deveriam ser, doze ao todo. Eu, o oitavo. Permaneceremos na espera até completarmos o número ideal. Então receberemos a mensagem global. Mais não devo dizer. E nem seria compreendido se dissesse: O fluxo de pensamentos parou. Sabia que era o fim. Senti que a esfera me atraía. Não pude fazer nada. Deixei que me envolvesse. Tornou-se opaca e eles desapareceram de minha visão. Fiquei num misto de decepção e vazio. E aos poucos fui reacquirindo peso. Como se me estivessem enchendo de mercúrio. Tentei expulsar o peso inutilmente. Aquilo me amarrava. Eu não queria. Era como ser esvaziado. Os braços pesavam. A cabeça caía para os lados como uma bola de ferro. Distingua agora os contornos do carro novamente. Cada vez mais sólidos. Com um esforço enorme controlei os músculos. A luz desaparecia. Apareciam os prédios, as ruas. Fiquei com medo. Depois, raiva. Tive vontade de me debater. Um ruído me enchia o cérebro. Dois por dentro. Procurei a origem. Alguém buzinaava atrás de mim. Havia alvorço. Todos fora dos carros, gesticulando. Um guarda tentava acalmar o homem que buzinaava. Ele insistia que tinha visto um disco voador. Os outros confirmaram. A sinaleira estava verde. Partii.



Embarcado Bunkin

Private Club
Indepê 936

EL BICHO!
A BOCA DO RECEIO É NO
GANECO DE OURO
UMA ANTES DUAS, 116 - ED. 1PV

NA AV. GOETHE, 43/53
FIAMBRES
CARNES E BEBIDAS
PÃO QUENTE TODA HORA
Fiambreria Ali

PATOMACHO



foto Assis Hoffmann

FUTEBOL,
ARTE,
CIRCO

OU
ESPORTE?



Pato Macho, n.º 3, 28 de abril de 1971.

Pato Macho C/\$ 1,00



Antes da galinha ao molho pardo Luis Carlos Felizardo fotografou Maria Bethânia no Butkin.

A PATADA